

PETROGLIFOS DO ESTILO DE PISADAS NO RIO GRANDE DO SUL

José Proenza Brochado

Pedro Ignácio Schmitz

I - INTRODUÇÃO

O planalto meridional do Brasil — constituído de arenitos da formação Botucatu recobertos por derramamentos de lavas basálticas da Serra Geral — cobre a metade norte do território do Estado do Rio Grande do Sul. O planalto finda de maneira abrupta por uma escarpa ou cuesta, que se volta para o sul e o leste e alcança altitudes ao redor de 400m s.n.m.. A seu pé encontra-se uma zona de circundenudação, constituída de sedimentos paleozóicos, área de relevo muito suave cujas altitudes médias se encontram ao redor de 100m s.n.m.¹ A escarpa do planalto se apresenta como um degrau único, levantado, emergindo diretamente da planície costeira e da peneplanície, porém a modelagem a que foi submetida pelo trabalho de drenagem dos rios Jacuí, Ibicuí-Mirim e seus tributários, cortou em alguns pontos a escarpa, que se apresenta então dissecada pelas denominadas bocas de serra.²

Nas cercanias das bocas de serra do Jacuí e do Toropi foram encontradas em quatro lugares diferentes três abrigos e duas grutas, em cujas paredes e teto se observam petroglifos. Os abrigos e grutas foram escavados por agentes naturais em blocos ou lajes de arenito da formação Botucatu que se encontram destacados alguns quilômetros adiante do alinhamento principal da escarpa.

RS-MJ-15: Gruta de Canhemorá

RS-MJ-102: Gruta do lajeado dos Dourados.

RS-MJ-53-A e B: Abrigos da linha Sétima.

RS-SM-7: Abrigo da Pedra Grande.

Como a área se encontra sobre os 29°30' de latitude sul e entre os 53°15' e os 54°15' de longitude oeste, seu clima é subtropical úmido mesotérmico sem estação seca e com verões quentes: Cfa, segundo a classificação de Köppen.³ O regime pluviométrico apresenta chuvas distribuídas durante todo o ano, com máximas no outono e inverno, variando entre 1500-1750mm. As temperaturas médias anuais se encontram dentro da isoterma de 18°C. Os verões são quentes e os invernos rigorosos, com as médias das máximas e das mínimas entre 22° e 24°C no verão, e entre 12° e 14°C no inverno. A amplitude térmica é da ordem de 11°C. As geadas ocorrem com a frequência média de uns 10 dias por ano. A umidade relativa do ar se acha ao redor dos 80 a 85%.⁴ No tocante às possibilidades da vegetação, a área pertence à região bioclimática eumesaxérica (temperada) 7.a, conforme a classificação de Gaussen.⁵ Entretanto, como as formações

florestais e campestres ocorrem, respectivamente, em função direta dos acidentes e inversa da irrigação do terreno, ali se encontra o limite entre a floresta latifoliada tropical que anteriormente recobria a escarpa e os campos cobertos de gramíneas que se estendem para o sul.⁶

Todos os abrigos e grutas estudados neste trabalho se encontram dentro desta floresta da escarpa.

A encosta do planalto meridional voltada para o sul, entre o Jacuí e o Ibicuí-Mirim, vem sendo pesquisada desde 1968 pela equipe do Gabinete de Arqueologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entre 1969 e 1972, os cinco abrigos e grutas foram escavados e seus petroglifos foram copiados pela mesma equipe, em conjunto com a do Instituto Anchietano de Pesquisas da Universidade do Rio dos Sinos (UNISINOS), dirigidas pelos dois autores.

II – PUBLICAÇÕES ANTERIORES

Uma das agrupações dos petroglifos do abrigo da Pedra Grande, chamado então de Ribeirão, foi fotografada, em 1935, por Vicentino Prestes de Almeida. Em 1936, Antonio Serrano publicou estas fotografias,⁷ que foram reproduzidas por Aníbal Mattos.⁸ As mesmas fotografias foram outra vez publicadas por J. Tupi Caldas, que tentou “traduzir” alguns dos motivos.⁹

Em 1969, o abrigo foi redescoberto pelos PP. José Pivetta e Daniel Cargnin, do Museu do Patronato Agrícola Antônio Alves Ramos de Santa Maria e no mesmo ano foi publicada uma breve notícia a respeito dos petroglifos da gruta de Canhemborá.¹⁰ Em 1971, os petroglifos e a indústria lítica da gruta de Canhemborá e dos abrigos da Sétima (A e B) e da Pedra Grande foram muito sumariamente descritos no que se chamou a fase Canhemborá.¹¹ Em 1972, a fase Canhemborá passou a incluir somente as manifestações mais antigas das grutas de Canhemborá e do lajeado dos Dourados e do abrigo da Pedra Grande.¹²

A cerâmica do sítio superficial localizado atrás do abrigo da Pedra Grande fez inicialmente parte da subfase B da fase Vacacaí,¹³ da tradição Tupiguarani.¹⁴ Depois se criou com esta cerâmica e a de outros sítios a fase Reduções,¹⁵ colocando-a na transição da cerâmica da tradição Tupiguarani para a Neobrasileira.¹⁶

Comunicações pessoais do primeiro dos autores a respeito dos petroglifos da gruta de Canhemborá e do abrigo da Pedra Grande, chamada também Laje de Pedra, foram publicadas por Pedro A. Mentz Ribeiro nas comparações que fez com os petroglifos que estudou em outros locais.¹⁷

III - DESCRIÇÃO

RS-MJ-15: Gruta de Canhemborá

A gruta de Canhemborá se abre num paredão orientado do noroeste para o sudeste, localizado uns 200m ao norte da margem direita do rio Jacuí que neste local, ao descer do planalto, corre do norte para o sul, antes de dobrar para leste e desaguar na laguna dos Patos. Encontra-se a 7m de altura sobre o nível do vale e o talude da sua entrada é muito empinado; 600m a sudeste do arroio Bugre, afluente do Jacuí, e um quilômetro a leste da povoação de Canhemborá.

A gruta está orientada para o noroeste e mede 10,8m de largura, 7,7m de profundidade e 2,8m de altura máxima na entrada. O teto se inclina tão rapidamente para o interior e lateralmente que a área disponível para a ocupação humana, com forma triangular, mede apenas 6,8m de largura e 4m de comprimento, se restringindo, portanto, a uns 26m² (Fig. 3).

A erosão formou concavidades menores nas paredes da gruta, uma das quais é atualmente praticável, comunicando com uma câmara menor.

As esfoliações causadas pela queda de grandes lajes e blocos do teto, deixaram uma série de superfícies planas, verticais e horizontais, escalonadas, que formam como que dois degraus invertidos. Nas faces mais ou menos verticais destes dois degraus, muito visíveis desde a entrada, é que se observa as maiores concentrações de petroglifos. Porém, outras concentrações menores se distribuem também, em painéis descontínuos e isolados, nas faces horizontais dos degraus, na superfície inclinada de uma espécie de **balcão** ligado à parede lateral direita e até na face de um bloco triédrico, possivelmente caído do teto, atualmente jazendo sobre o solo na entrada. A superfície total ocupada pelos diferentes painéis de petroglifos pode ser calculada em 7,5m². Observam-se também as cicatrizes deixadas pela retirada de motivos inteiros por colecionadores da região.¹⁸

Técnica

Todos os petroglifos da gruta são gravados, porém se observam duas técnicas distintas de gravação: uma por picoteamento e raspagem e a outra por polimento. O picoteamento, executado com a ponta de um instrumento aguçado, criou pequenas depressões contínuas e alinhadas que foram reunidas pela raspagem, formando sulcos que apresentam bordas ondulantes e irregulares. Os sulcos polidos, ao contrário, apresentavam secção em V mais ou menos obtusa e bordas bem definidas, em bisel. Os sulcos medem desde 3mm até 2cm de largura, com profundidades correspondentes à largura, porque, de maneira geral, quando foram feitos por martelamento, são mais largos e rasos, e quando polidos, mais estreitos e profundos. Além dos sulcos se observam também depressões e perfurações que medem desde não mais de 5mm até 10cm de diâmetro, com profundidades desde 5mm até 2 ou 3cm.

Alguns dos sulcos, depressões e perfurações apresentam restos de pigmentos de cor em seu interior. A cor mais comum é o preto, seguindo-se o verde; em menor quantidade,

se observam também tonalidades mais claras como o branco, porém são raras as mais escuras como o marrom e o roxo. A aplicação do pigmento se fez possivelmente de duas maneiras: (a) pela fricção com um fragmento de mineral duro da cor desejada, que seria o mesmo instrumento que serviu também para concluir a gravação, resultando uma superfície polida onde foi depositado o pigmento; (b) pela fricção com um fragmento mais brando ou dissolvido, que poderia ser um pedaço bem macerado do mesmo mineral que em (a).

Motivos (Fig. 1 e 2)

Os motivos gravados podem ser resumidamente descritos como segue:

1) Depressões circulares rasas, rodeadas em parte por quatro ou seis depressões menores, sugerindo as pegadas de um felino. As dimensões da depressão central variam desde 12 até 14cm. As pegadas sempre se alinham no sentido de marcha do animal, sem, no entanto, representar todo o rastro como ele o deixaria, com as impressões de suas quatro extremidades. Os rastros, começando a mais de 1m de altura acima do nível atual do piso da gruta, sobem pelas paredes chegando até o teto. A maior parte das pegadas estão internamente pintadas de preto ou cinza-chumbo, mais raramente de tonalidades mais claras como o verde ou o branco.

2) Três sulcos retilíneos convergentes ou um sulco curvo, em meia-lua, cortado na metade por um outro sulco retilíneo e vertical, sugerindo pisadas de ave. O sulco maior mede entre 12 e 15cm. Algumas se acham pintadas, outras não. Geralmente se alinham no mesmo sentido e direção dos rastros dos felinos.

3) Duas depressões elípticas rasas emparelhadas, sugerindo pegadas de um animal de casco fendido.

4) Sulcos circulares ou elípticos com uma perfuração ou sulco vertical no centro, sugerem símbolos sexuais femininos, como são freqüentemente representados em petroglifos de diversas áreas do mundo. Quase sempre o interior dos sulcos está pintado de preto.

5) Sulcos retilíneos verticais paralelos, alinhados perto dos motivos anteriores, poderiam representar símbolos sexuais masculinos como os que são encontrados freqüentemente em companhia dos primeiros em petroglifos de diversas áreas do mundo. Há dois conjuntos semelhantes nesta gruta.

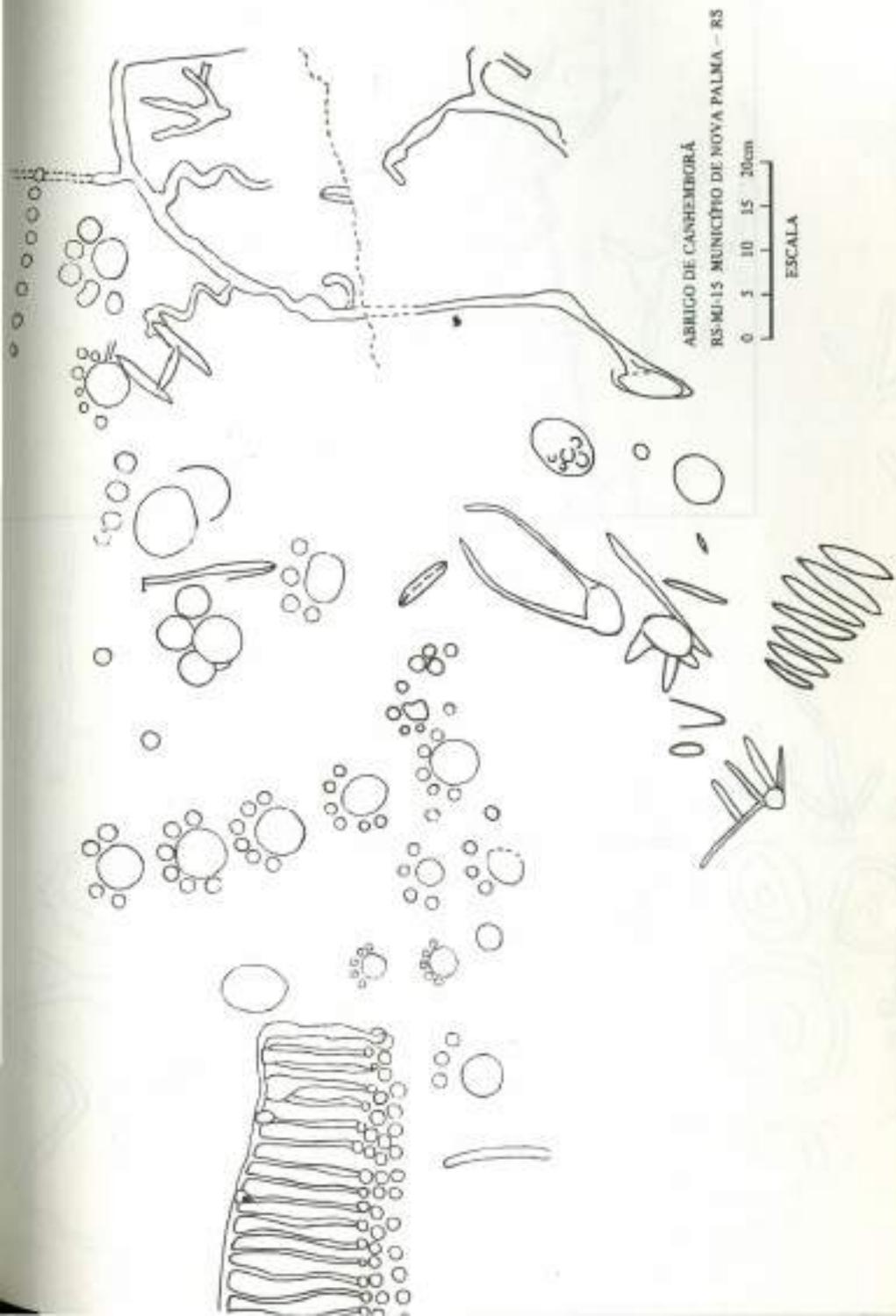
6) Sulcos retilíneos verticais paralelos, alinhados num longo registro, cancelados na parte de cima por um sulco horizontal e terminados na parte de baixo por três fileiras de pequenas perfurações alinhadas. O conjunto lembra franjas ou uma cerca.

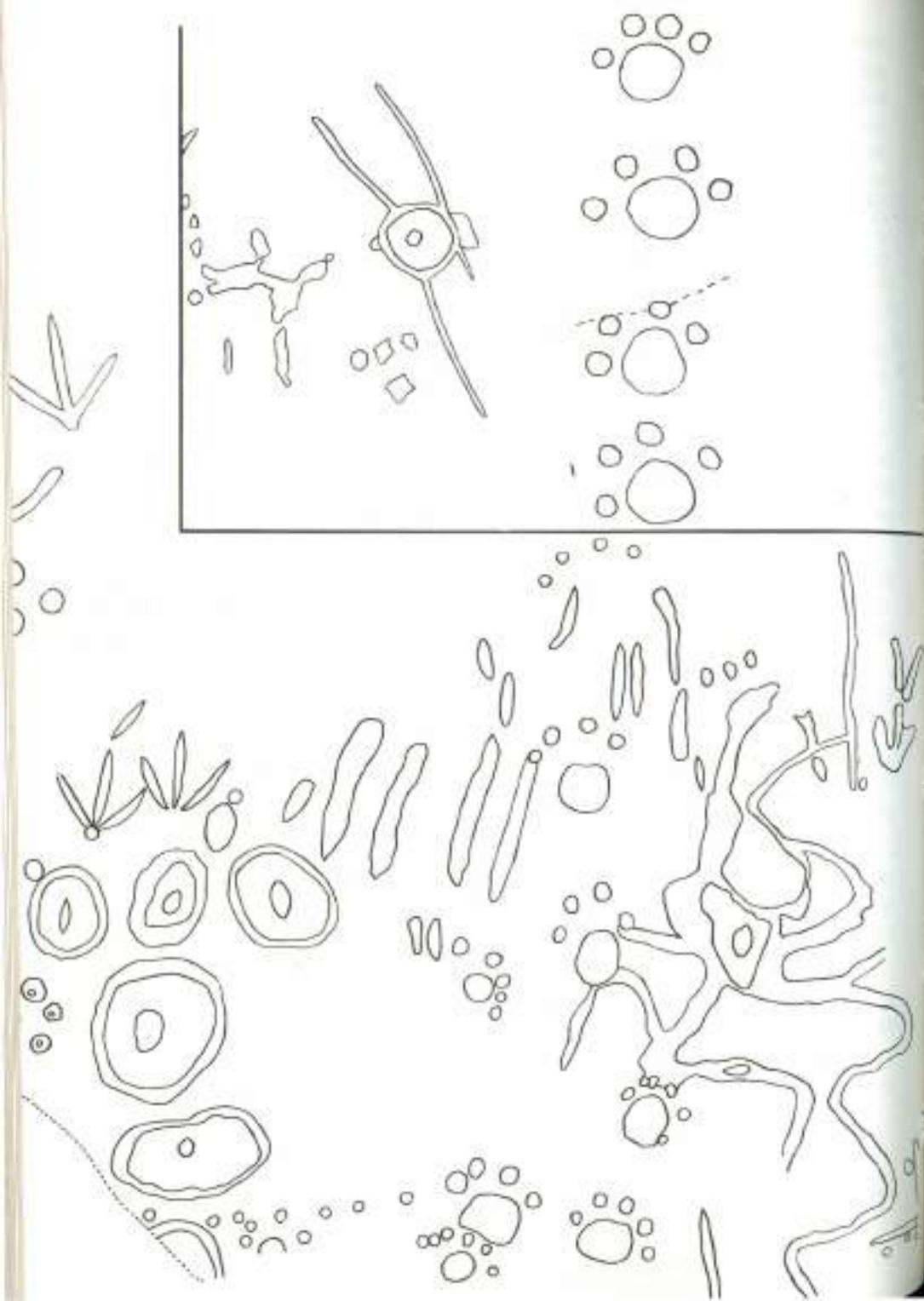
7) Um sulco circular com uma perfuração central e sulcos retilíneos irradiando da sua periferia, dois pela parte de cima e uma pela de baixo.

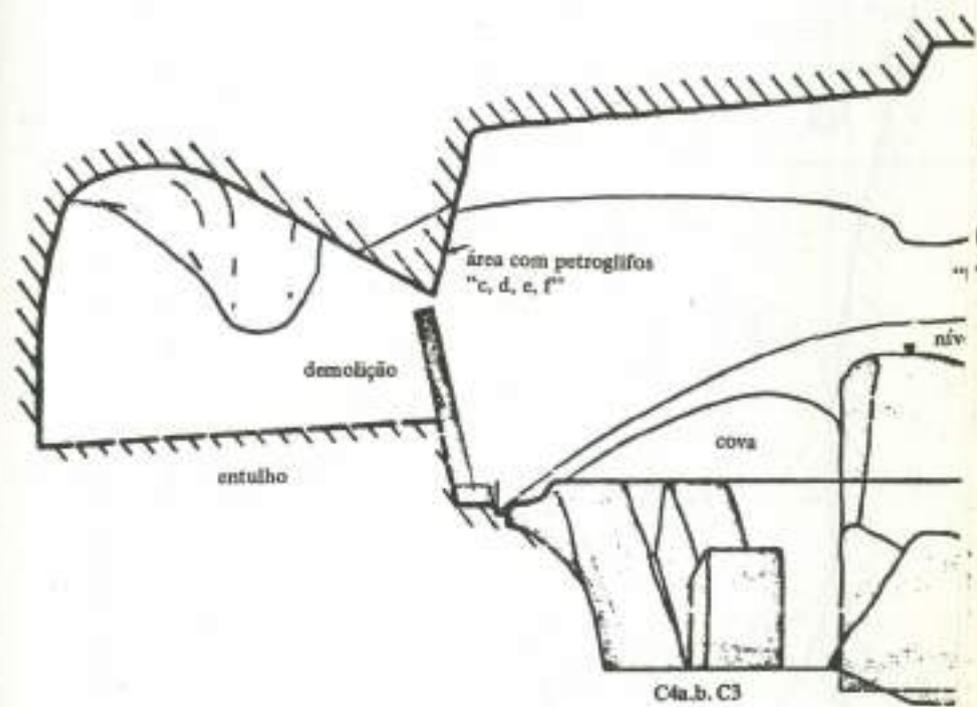
8) Um sulco ondulante horizontal, recordando uma serpente.

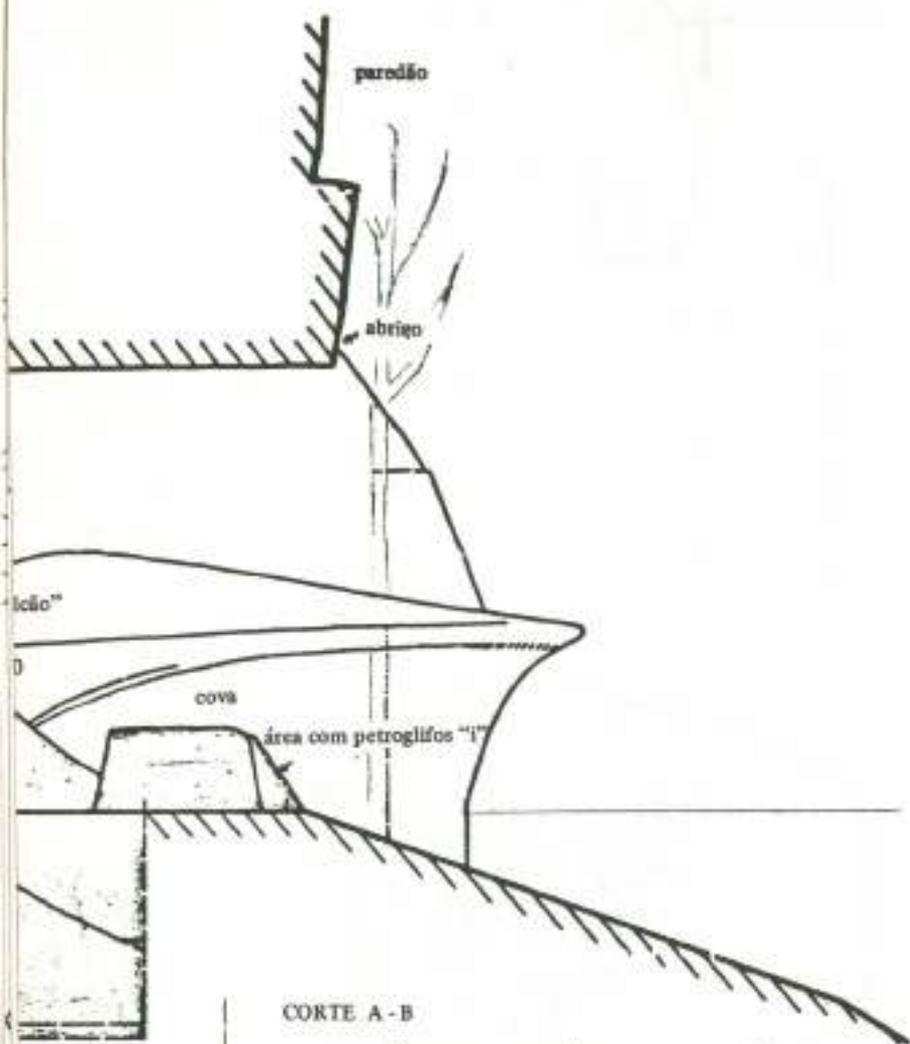
9) Sulcos mistilíneos ou meândricos, compostos de linhas curvas e retas combinadas.

10) Perfurações circulares de dimensões variadas, isoladas ou alinhadas.



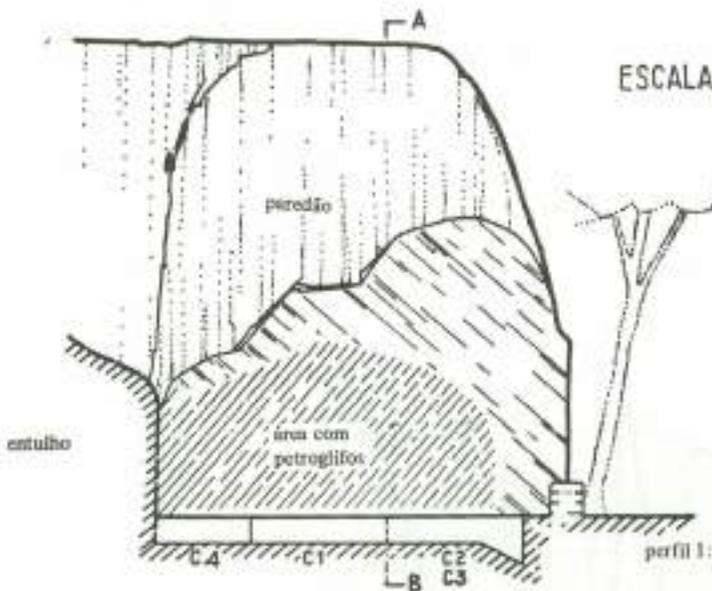






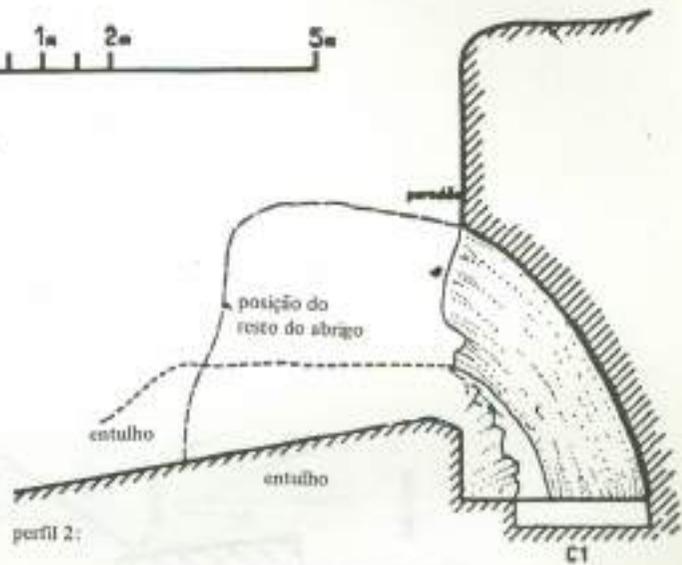
CORTE A - B

ESCALA: 0 20 40 60 80 1m 2m



VISTA

ESCALA 0 1m 2m 5m

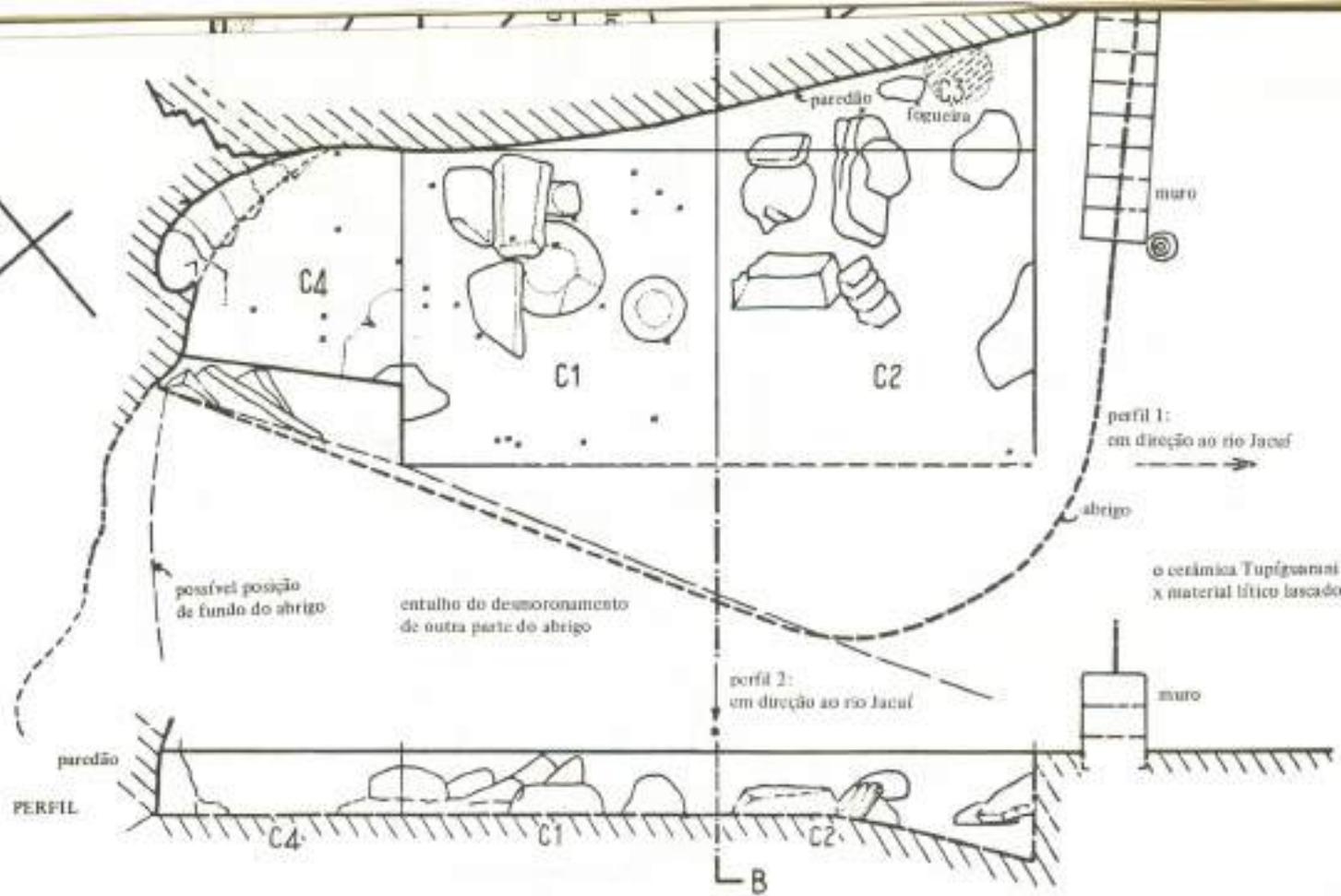


CORTE A-B

ESCALA 0 20 40 60 80 1m 2m

- A





possível posição de fundo do abrigo

entulho do desmoronamento de outra parte do abrigo

perfil 2: em direção ao rio Jacuí

perfil 1: em direção ao rio Jacuí

o cerâmica Tupiguanai x material lítico lascado

PERFIL

B

Segundo a classificação de motivos da arte rupestre proposta por C.J. Gradin,¹⁹ os motivos 1, 2 e 3 seriam representativos estilizados biomorfos; 4, 5 e 8 seriam representativos esquematizados biomorfos; 6, abstrato geométrico retilíneo; o 7, abstrato livre formatizado; o 9 seria abstrato livre caprichoso e o 10, abstrato puntiforme isolado.

Foi possível observar que algumas gravuras se sobrepõem a outras, indicando que não foram todas executadas ao mesmo tempo.

Escavação

A gruta de Canhemborá foi visitada pela primeira vez em 1969. Dois poços estratigráficos foram escavados em 1969 e 1970. Em 1971, como o solo e as paredes da gruta já tinham sido parcialmente prejudicados por escavações não autorizadas feitas por caçadores de tesouros, o seu conteúdo foi inteiramente escavado.²⁰

O interior da gruta se encontra atravancado por muitas lajes e blocos esfoliados do teto ou das paredes, a maioria paralelepípedicos ou prismáticos, os quais medem desde ao redor de 70x40x30cm até um que mede cerca de 3m de comprimento, 4m de largura e 2m de altura e ocupa aproximadamente o seu centro e não pôde ser removido. Desta maneira, dos cerca de 26m² de área utilizável para ocupação, somente foi possível escavar pouco mais de 12m² (Fig. 3).

A área escavada foi dividida em cinco quadrículas contíguas que tiveram de ter dimensões variáveis para se acomodarem aos espaços existentes entre os blocos (C2, C3, C4.a, C4.b, C4.c, C5, C6).

Observou-se que o interior da gruta estava preenchido por sedimentos até o ponto que a superfície atual do piso, relativamente horizontal, recobria todos os blocos, exceto o maior deles que sobressaía ainda 70cm e no topo do qual foi localizado o datum do nivelamento.

A camada arqueológica se compunha de sedimentos finos arenosos, resultantes da decomposição natural do arenito. Continha ainda grande quantidade de fragmentos e blocos de menores dimensões apenas parcialmente decompostos e apresentava coloração e textura muito variáveis, segundo a situação das quadrículas.

Nas quadrículas escavadas em áreas protegidas do interior da gruta, os sedimentos se apresentavam secos e friáveis e tinham coloração clara: amarelada ou rosada. Na quadrícula escavada na entrada, mal protegida pela aba do teto e nos locais onde havia infiltrações de água, os sedimentos se encontravam úmidos, compactados ou não, e apresentavam coloração escura: cinza ou marrom.

O solo estéril subjacente se compõe de arenito em decomposição e apresenta muitas fendas. O piso natural era também aproximadamente horizontal, apesar de irregular e se encontrava em média entre 70cm a 1m abaixo do piso atual. A espessura da camada arqueológica variou desde 40cm (C4.b, C4.c) até 130cm (C4.a, C5), com uma média entre 70cm e 1m. Esta variação se deve ao fato de que, exceto na entrada, os depósitos preenchiam os espaços, às vezes muito estreitos, entre os grandes blocos, ou as concavidades existentes debaixo destes.

A escavação foi executada por níveis artificiais de 10cm de espessura cada um, tendo sido levada sempre até o piso natural, contando-se, portanto, desde quatro até treze destes níveis por quadrícula. A estratigrafia do interior da gruta parece indicar vários episódios sucessivos de quedas de blocos do teto, preenchimento por sedimentos e ocupações humanas, difíceis de serem reconstruídos devido a sua complexidade.

Material arqueológico

A indústria lítica recuperada está constituída por instrumentos lascados, polidos, ou picoteados. A matéria-prima utilizada foram as rochas vulcânicas da região: basaltos e quartzos; estes sob a forma cristalina ou de calcedônia, ágata etc. ou arenitos metamorfizados.

Foi possível identificar os seguintes instrumentos:

- a) Grandes bifaces alongados.
- b) Raspadores altos e baixos laterais ou terminais, alguns deles denticulados.
- c) Lascas retocadas como facas ou raspadores.
- d) Percutores.
- e) Lascas retocadas.
- f) Machados polidos somente no gume.
- g) Bola de boleadeira executada por picoteamento, com sulco.
- h) Mós ou trituradores feitos por picoteamento. Uma delas apresentava ainda, aderido as suas faces, restos de pigmento preto semelhante ao utilizado na pintura das gravuras.

Além destes, existem:

- i) Grandes seixos planos, provavelmente utilizados como bigornas.
- j) Seixos lascados pelo fogo que poderiam ter sido pedras termóforas.
- k) Fragmentos aguçados de rochas corantes que poderiam ter sido utilizados para colorir e polir os sulcos dos petroglifos.

Finalmente havia:

- l) Alguns núcleos e grande quantidade de restos de lascamento.
- m) Muitos nódulos de matéria-prima, alguns lascados intencionalmente e outros sem sinal de utilização.

Foram encontrados alguns poucos fragmentos de cerâmica da tradição **Tupiguarani**²¹ nos dois primeiros níveis de algumas das quadrículas, isto é, até os 10cm de profundidade. Por suas dimensões, pertenciam a vasilhas pequenas.

Foram muito poucas as evidências culturais ou estruturas observadas; somente alguns indícios de fogueiras que continham carvão e cinzas.²²

Datações

Temos duas datações radiocarbônicas:

1165± 35 a.P.: A.D. 750-820 (C5, 40-50cm) (SI-1000)²³

2945± 85 a.P.: 1080-910 a.C. (C5, 60-70cm) (SI-1001)

A posição estratigráfica das duas datações em níveis quase consecutivos da mesma quadrícula (ver gráfico, Fig. 7) indica que devem corresponder a dois momentos distintos e sucessivos de ocupação, separados por mais de mil e seiscentos anos.

Um terceiro momento de ocupação, representado pela presença da cerâmica da tradição Tupiguarani, nos primeiros níveis, somente se pode datar, por intermédio de evidências externas ao sítio, como posterior a ca. A.D. 1100.

A conexão entre os petroglifos e a camada arqueológica se fez através do achado no interior desta de alguns fragmentos de mineral corante com as extremidades aguçadas que parecem ter sido os usados para pigmentar e polir o interior dos sulcos das gravações. Na entrada da gruta, foi também recolhida superficialmente uma mó ou triturador que apresenta ainda restos de pigmento preto aderido as suas faces e que poderia ter erodido da camada arqueológica do talude.

RS-MJ-102: Gruta do lajeado dos Dourados

A gruta do lajeado ou arroio dos Dourados se acha a uns 100m de distância da margem esquerda do rio Jacuí. Na margem oposta do rio, a menos de 1km em linha reta, se encontra o abrigo da linha Sétima e, 11km rio acima, a gruta de Canhemborá.

A gruta do lajeado dos Dourados se abre numa parede vertical, a mais de 20m acima do nível de cheia do rio, o qual aqui corre a uns 50m s.n.m. e se encontra imediatamente abaixo do terraço mais alto do vale, por isso o seu talude de entrada é também muito empinado.

Está orientada para sudeste e mede 9m de largura na entrada e 7,5m de profundidade.

A gruta foi pesquisada em 1972. O seu interior foi bastante modificado pela retirada de blocos para a construção, o que dificulta o cálculo da área primitivamente disponível para a ocupação humana.

Como na gruta de Canhemborá, as esfoliações causadas pela queda de grandes lajes do teto, deixaram uma série de superfícies planas, verticais e horizontais que formam como que degraus invertidos, em cujas faces voltadas para a entrada se observam muitos petroglifos. Outra concentração se encontra na parte baixa da parede do fundo.²⁴

Técnica

Pode-se observar que todos os petroglifos da gruta são gravados, porém o processo de erosão alveolar e as esfoliações da superfície do arenito nas paredes e no teto, assim como as proliferações de líquenes, prejudicou-os de tal maneira que atualmente se

apresentam muito desgastados e indistintos. Tanto que se torna difícil calcular a área total que teria sido ocupada por eles e, no que se refere à técnica com que foram executados, somente se pode dizer que parece ter sido a do polimento. Em geral os sulcos possuem secção em U mais ou menos rasa e medem de 1 a 2cm de largura, com profundidades correspondentes. As perfurações medem desde 5mm até 10cm de diâmetro, com profundidade desde 5mm até mais de 10cm. As perfurações menores que se apresentam alinhadas (ver motivo 11, a seguir) devido a sua regularidade e ao polimento do seu interior, parecem ter sido broqueadas por meio de uma ferramenta rotativa.

Os petroglifos não apresentam atualmente restos de pintura, o que pode ser atribuído ao processo erosivo, muito mais intenso do que na gruta de Canhemborá.

Motivos

Os motivos gravados podem ser resumidamente descritos como segue:

1) Depressões que sugerem pegadas de felino, porém menores que as da gruta de Canhemborá, pois medem somente uns 6cm de diâmetro. Algumas se encontram isoladas, outras alinhadas em um único rastro que apresenta a mesma direção e sentido que os de Canhemborá.

2) Sulcos convergentes que sugerem pegadas de ave.

3) Dois sulcos ondulantes e sinuosos dispostos simetricamente à direita e esquerda do interior da cova, sugerindo serpentes. Terminam em depressões ou perfurações, uma delas com sulcos irradiantes da periferia.

4) Sulcos curvilíneos de grandes dimensões.

5) Sulcos retilíneos, verticais e paralelos.

6) Dois ou mais sulcos retilíneos convergentes, cruzados por outro.

7) Uma perfuração circular com sulcos irradiantes.

8) Sulcos relacionados com depressões ou perfurações, separadas ou alinhadas.

9) Combinações de sulcos mistilíneos, entrecruzados ou não.

10) Sulcos retilíneos verticais e paralelos, limitados por outro pela parte de baixo ou de cima.

11) Perfurações cilíndricas de várias dimensões, alinhadas, às vezes desenhando figuras lineares quebradas.

Observa-se que, em geral, predominam os motivos lineares e as perfurações e que estas últimas tendem a se concentrar na parte baixa das paredes.

Os sulcos dos motivos lineares às vezes também contêm perfurações no seu interior. Existe também grande quantidade de perfurações cilíndricas de origem natural, resultantes da erosão alveolar do arenito e às vezes é difícil distingui-las das perfurações artificiais.²⁵

Tendo em vista a classificação proposta por C. J. Gradin,²⁶ o motivo 11 seria abstrato puntiforme alinhado; o 3, abstrato geométrico combinado e os motivos 2, 6 e 7 seriam abstratos livres formatizados. Todos os restantes seriam abstratos geométricos retilíneos, curvilíneos ou combinados, assim como abstratos livres caprichosos.

Escavação

O piso da gruta apresenta a própria rocha viva à vista. Apesar das modificações posteriores, é pouco provável que tenham realmente ocorrido deposições importantes no seu interior. Somente de 5 a 10cm de solo arenoso; resultante da decomposição da mesma rocha, mesclado com folhas secas e esterco; enchia algumas depressões do fundo, onde se pôde coletar algum material arqueológico acumulado.

No topo do talude da entrada, na parte externa da gruta, foi possível escavar um poço estratigráfico de 2m² que se aprofundou até os 30cm em níveis artificiais de 10cm cada um. Na maior parte da área do poço que se achava protegida pelo teto, o solo era friável, de coloração cinzenta; mas na parte externa, não protegida, o solo se achava compactado e apresentava coloração marrom avermelhada. O depósito continha ainda grande quantidade de fragmentos de arenito não inteiramente decomposto que aumentava na direção dos níveis mais baixos. O solo estéril era constituído do mesmo arenito em decomposição.

O material arqueológico se concentrava mais no setor mais protegido da quadrícula.

Material arqueológico

Nas depressões da rocha do piso se recolheu um biface reto alongado, a extremidade proximal de outro biface, uma lasca trabalhada, além de muitas lascas grandes, médias e pequenas.

No poço estratigráfico se obteve a extremidade distal de um biface e muitas lascas médias e pequenas. A fauna estava representada por grande número de carapaças de caracóis terrestres e alguns ossos de pequenos animais, mamíferos principalmente.

Não havia cerâmica na gruta.

RS-MJ-53-A e B: Abrigos da linha Sétima (Fig. 4)

Os dois abrigos são contíguos e se abrem na metade da altura da escarpa de um esporão rochoso. Estão distanciados somente 30m da margem direita do rio Jacuí e se acham respectivamente a 18 e 14,5m de altura sobre o seu nível de cheia. O rio Jacuí aqui corre a uns 50m s.n.m.

O primeiro abrigo (A), situado à maior altura, está orientado para sudeste e mede atualmente 6m de largura, 3m de profundidade e 4m de altura. Com estas dimensões representa porém somente a metade direita que restou de uma gruta muito maior que teria pelo menos o dobro da largura do abrigo atual e maior profundidade. O desmoronamento do teto desta gruta teria ocorrido, ao que tudo indica, antes de ter sido ocupada.

Todos os petroglifos se concentram na parede do fundo do abrigo, plana e inclinada para fora, formando um painel que mede 5m de largura por 2,5m de altura.

O segundo abrigo (B), orientado para leste, mede 6m de largura, 4m de profundidade e 4m de altura; encontra-se um pouco abaixo do primeiro e somente apresenta alguns petroglifos sobre a superfície plana e horizontal de um grande bloco esfoliado do teto.

Técnica

Todos os petroglifos foram gravados pela técnica do polimento. Os sulcos apresentam secção em U e medem de 8 a 15mm de largura com profundidade entre 10 e 20mm. As perfurações medem desde 5mm até 10mm de diâmetro, com profundidade desde 5mm até 5cm.

Motivos

Os motivos gravados no abrigo A podem ser resumidamente descritos como segue:

1) Sulcos retilíneos e paralelos, alinhados formando registros nos quais todos os sulcos são verticais ou todos horizontais. Alguns destes registros são compostos de sulcos compridos, outros de sulcos muito curtos.

2) Sulcos retilíneos paralelos verticais, cortados por um ou mais sulcos horizontais. Mais raramente são horizontais cortados por um ou mais sulcos verticais. Muitas vezes apresentam a aparência de uma grade.

3) Perfurações de dimensões variáveis alinhadas, às vezes desenhando figuras lineares.

4) Sulcos curvos em meia-lua, cortados na metade por outro retilíneo e vertical, sugerindo pisadas de uma ave.

5) Duas perfurações circulares com sulcos irradiantes da sua periferia, sugerindo a imagem do sol.

6) Perfurações circulares largas e profundas, isoladas ou agrupadas.

7) Sulcos circulares com uma perfuração central larga e profunda e sulcos elípticos com uma depressão central alongada.

Predominam os sulcos retilíneos e paralelos, entrecruzados em forma de grade e as perfurações isoladas ou alinhadas.

Segundo a classificação proposta por C. J. Gradin,²⁷ os motivos podem ser: abstratos puntiformes isolados (6) ou alinhados (3); abstratos geométricos retilíneos (1-2) ou combinados (7), abstratos livres formatizados (5) ou representativos esquematizados biomorfos (4).

No abrigo B existem somente alguns sulcos retilíneos verticais paralelos e algumas perfurações circulares de dimensões variadas.

Escavação

O abrigo A teria sido ocupado há alguns anos por uma ferraria e por uma pocilga, tendo o seu piso sido levantado e aplanado pela adição de fragmentos de arenito compactados e um muro de blocos construído do lado direito para sustentar o talude. A superfície atual se inclina para sudeste, devido a uma nova acumulação de sedimentos escorridos do alto do paredão pelo lado oposto, mas a superfície do piso de ocupação subjacente era horizontal, se inclinando para baixo somente no ângulo sul.

Em 1969, foi executado um poço estratigráfico junto à parede do fundo do abrigo e, em 1972, a área protegida pelo teto foi totalmente escavada.²⁸ A área total, dividida em quatro quadrículas contíguas de dimensões variáveis (C1, C2, e C4), alcançou os 12m². A camada arqueológica tinha a espessura de 40cm e foi escavada em níveis artificiais de 10cm cada um, contando-se, portanto, quatro destes níveis.

Os sedimentos finos e arenosos resultantes da decomposição do arenito continham muitos fragmentos e blocos ainda não inteiramente decompostos, os maiores medindo em média 70x50x20cm.

Nos níveis superiores, onde se achavam bem secos, os sedimentos eram muito friáveis e apresentavam coloração acinzentada que se tornava rosada em direção aos níveis inferiores. O solo estéril subjacente é avermelhado e friável, de arenito em decomposição e se inclina para baixo no ângulo sul como toda a camada arqueológica.²⁹

Material arqueológico

O material lítico se concentrava principalmente contra a parede do fundo do abrigo e a cerâmica na direção da entrada.

Os instrumentos líticos eram todos lascados. A matéria-prima utilizada foi o basalto, o quartzo ou o arenito metamorizado. Foi possível identificar os seguintes instrumentos:

- a) Vinte pontas-de-projétil pedunculadas e com aletas.
- b) Algumas pontas lanceoladas.
- c) Um grande biface alongado.
- d) Um raspador.
- e) Lascas retocadas.

Além destes, existem:

- f) Alguns núcleos e grande quantidade de restos de lascamento.
- g) Seixos com ou sem sinais de utilização.

Foram encontrados cinco fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani nos dois primeiros níveis, isto é, até os 20cm de profundidade. Por suas dimensões, pertenciam a vasilhas pequenas.

Nos primeiros níveis se observou também a penetração de pequenos fragmentos metálicos oriundos da ferraria que ocupou o abrigo.

As únicas estruturas observadas foram: (1) indício de fogueira localizado contra a parede do fundo, no lado direito da entrada, contendo carvão e cinzas e (2) alguns blocos de arenito ao que parece empilhados durante a ocupação.

Datação

Temos uma única datação radiocarbônica:

905 ± 95 a.P.: A.D. 950 – 1140 (30-40cm), (SI – 1196)

Esta data deve corresponder ao período pré-cerâmico da ocupação, pois somente foi encontrada cerâmica até os 20cm de profundidade.

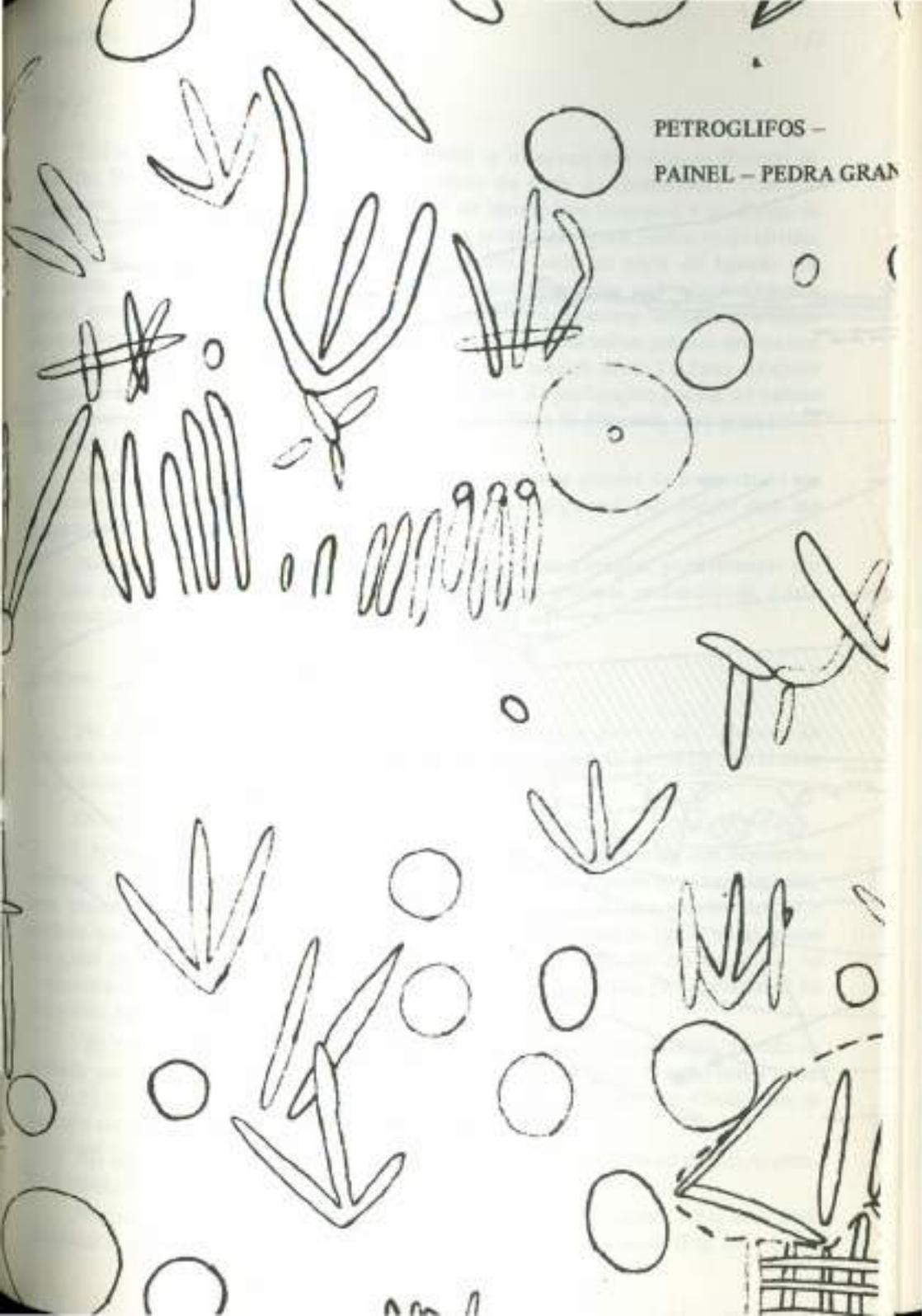
RS-SM-7: Abrigo da Pedra Grande

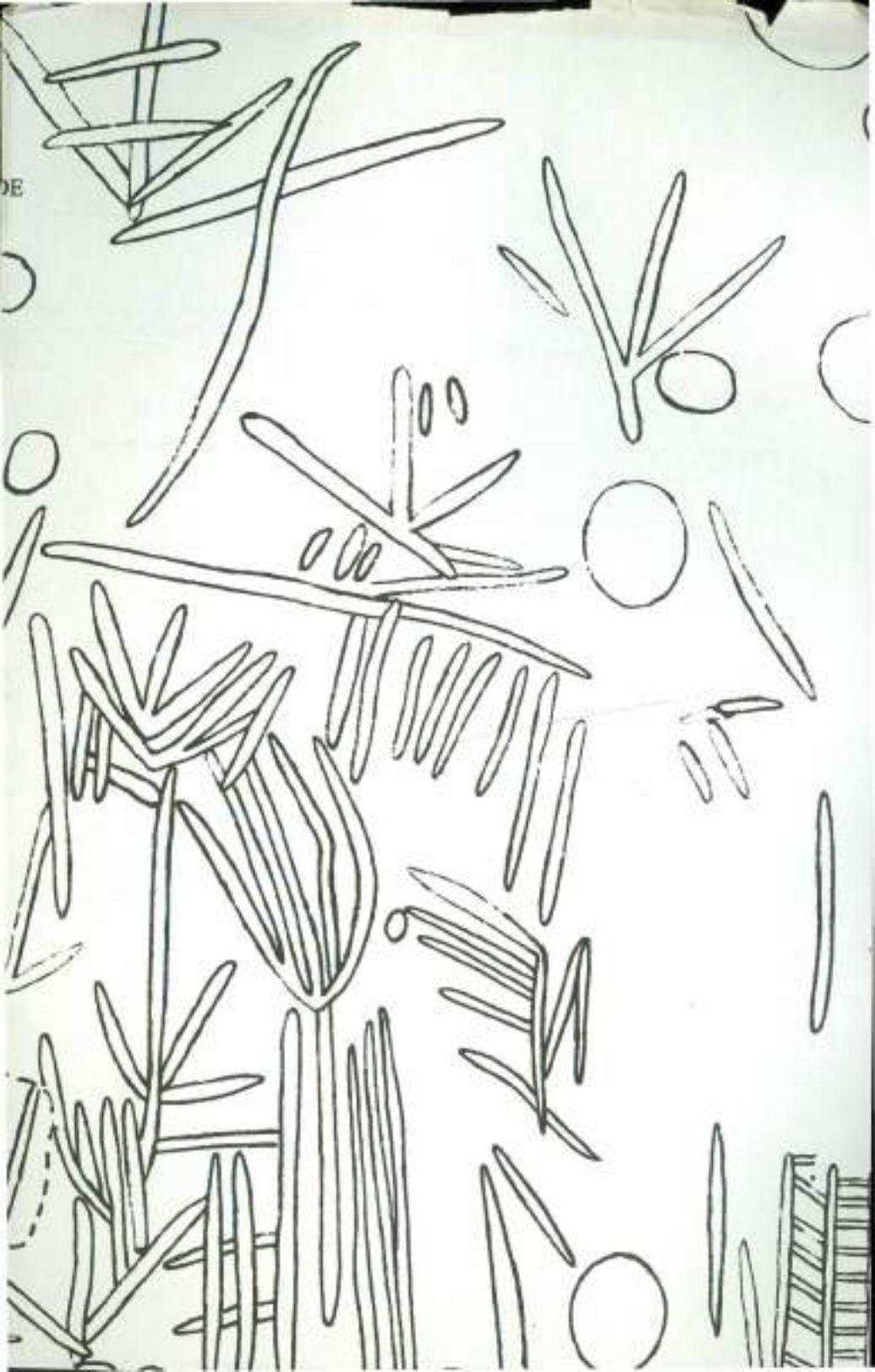
O abrigo da Pedra Grande está formado por um bloco de arenito de enormes dimensões, sollevado e orientado NNO-SSE, que mede 86,5m de comprimento, 9m de espessura máxima e 8,5m de altura máxima no centro. O bloco se encontra em um pequeno vale situado a 160m s.n.m., cercado de elevações e aberto para o sul, por onde é drenado por um afluente do arroio Ribeirão e do rio Toropi, subfluente do Ibicuí que se dirige ao rio Uruguai.

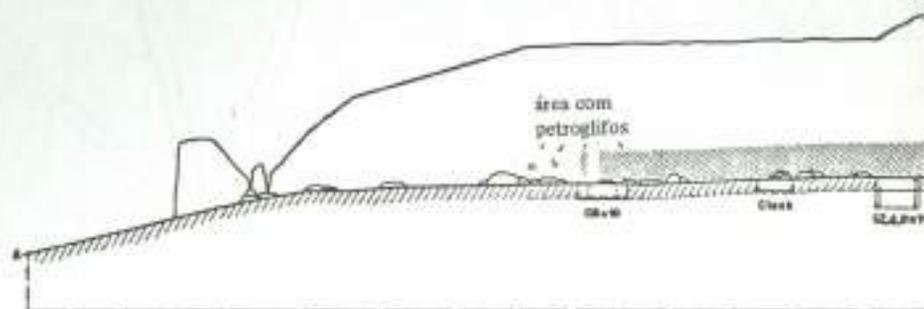
O bloco se inclina para ENE e sua face por este lado é um pouco côncava, formando um abrigo muito largo e pouco profundo, que mede 70m de comprimento por somente 2m de profundidade e 8m de altura máxima.³⁰

Os petroglifos se acham concentrados na zona central do abrigo, onde este apresenta maior profundidade. Formam um painel que mede 24m de comprimento e alcança mais de 2m de altura. Dois outros conjuntos muito menores se encontram muito distanciados nas duas extremidades do bloco onde não há praticamente mais nenhuma proteção do abrigo (Fig. 6).³¹

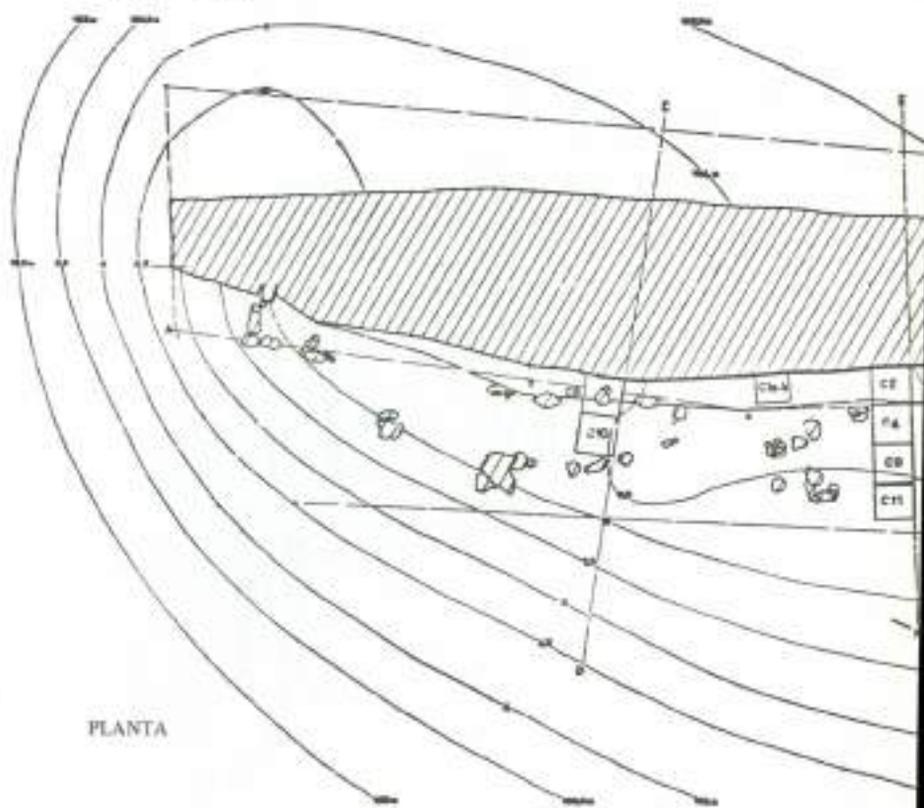
PETROGLIFOS -
PAINEL - PEDRA GRAN







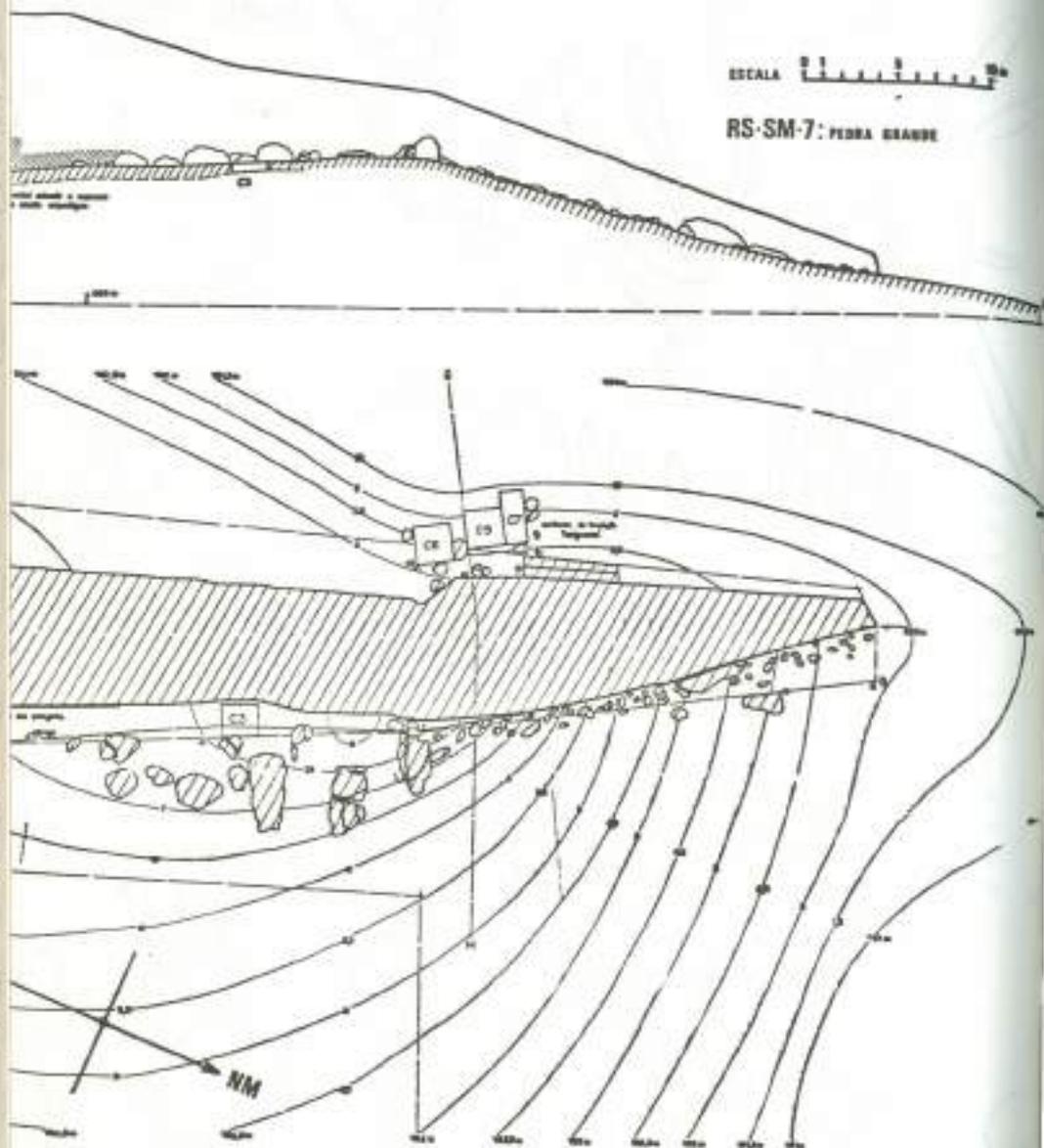
vista AB



PLANTA

ESCALA 1:1000

RS-SM-7: PEDRA GRANDE



Técnica

Todos os petroglifos foram gravados, porém se observam três técnicas distintas de gravação. Uma por picoteamento e raspagem, como na gruta de Canhemborá. Uma por polimento, como nas grutas de Canhemborá e do lajeado dos Dourados e no abrigo da linha Sétima. Finalmente, as perfurações menores parece que foram muitas vezes obtidas broqueando a parede com uma ferramenta rotativa, como na gruta do lajeado dos Dourados. As técnicas de gravação foram as mesmas observadas nos outros abrigos e grutas, mas as secções e profundidades dos sulcos apresentam maiores variações. Os sulcos executados por picoteamento e raspagem são largos e rasos. Os sulcos polidos apresentam secções em U muito rasas, ou em V muito agudas, que medem desde 2 a 3mm até quase 2,5cm de largura, com profundidades correspondentes. As perfurações podem ser polidas ou broqueadas e medem desde 2 ou 3mm até quase 20cm de diâmetro, com profundidades desde uns 2 ou 3mm até quase 15cm.

Muitas vezes os sulcos ou perfurações apresentam uma pintura de cor preta no seu interior, a qual parece ter sido executada aplicando o pigmento por fricção com um fragmento mineral brando ou previamente macerado.

Na parte inferior do painel não se observa pintura nas gravações, possivelmente por ser esta parte muito lavada pelas chuvas, já que devido à pequena profundidade, o teto não constitui abrigo suficiente.

Motivos

No extremo SSE do painel principal de petroglifos se observa um conjunto de motivos semelhantes aos da gruta de Canhemborá e, como naquela, gravados pela técnica do picoteamento e raspagem.

Os motivos principais são:

I) Depressões circulares, rasas, rodeadas em parte por quatro ou seis depressões menores que sugerem pegadas de um felino. Algumas destas pegadas se acham isoladas, mas outras estão alinhadas, formando dois rastros que apresentam a mesma direção e sentido que os da gruta de Canhemborá; isto é, começando a mais de 1m de altura acima do nível atual do piso do abrigo, sobem pela parede até mais de 2m de altura. As dimensões das pegadas são médias, comparadas às de Canhemborá, pois o diâmetro da depressão central varia entre 6 e 8cm.

II) Três sulcos retilíneos convergentes ou um sulco curvo, em meia-lua, cortada na metade por outro sulco retilíneo e vertical, sugerindo pisadas de aves. O sulco maior mede entre 12 e 15cm. Algumas destas pisadas se acham pintadas, outras não. Geralmente se alinham no mesmo sentido e direção dos rastros dos felinos.

III) Sulcos circulares ou elípticos com uma perfuração alongada no centro, sugerindo símbolos sexuais femininos.

Nestas gravações não se observam restos de pintura e parecem estar bem mais desgastadas pelo tempo que as gravações dos motivos arrolados a seguir (Fig. 5).

A maior parte do painel principal se compõe de uma grande quantidade de perfurações de dimensões variadas e sulcos predominantemente retilíneos, diversamente orientados, que podem estar separados ou combinados entre si. Os sulcos e as perfurações maiores foram executados pela técnica do polimento e as perfurações menores foram broqueadas.

Apenas podemos tentar isolar alguns motivos, tais como:

1) Três, quatro ou cinco sulcos retilíneos convergentes, com dimensões variando desde 6 até 12cm, sugerindo pisadas de aves. Algumas destas pisadas se encontram pintadas de preto ou cor de chumbo. Não se alinham formando rastros, porém quase sempre se orientam com os dedos para cima.

2) Sulcos retilíneos verticais e paralelos, oblíquos ou convergentes, que podem estar ou não delimitados ou cortados por outro horizontal. Alguns destes são muito profundos, apresentam secção em V curvilínea, com as bordas bem nítidas e o fundo côncavo e parecem afiadores ou polidores, por exemplo, de gumes de machados.

3) Sulcos retilíneos verticais e paralelos, cortados por outros horizontais, formando grades que podem ser abertas ou delimitadas por outros sulcos.

4) Sulcos retilíneos, mais compridos, com outros menores, paralelos, alinhados obliquamente de um e de outro lado ou somente de um lado, lembrando o desenho esquematizado de espinhas de peixe ou emplumaduras de flechas.

5) Sulcos retilíneos entrecruzados sobre uma perfuração central, sugerindo uma estrela.

6) Perfurações circulares com pequenos sulcos irradiando da sua periferia, sugerindo a imagem do sol.

7) Sulcos curvilíneos desenhando a forma de um U.

8) Perfurações cilíndricas de dimensões variáveis, alinhadas, às vezes desenhando figuras lineares quebradas.

9) Perfurações cilíndricas agrupadas, às vezes delimitadas por sulcos, como, por exemplo, desenhando uma figura losangular.

Existe também grande quantidade de perfurações de origem natural, resultantes da erosão alveolar do arenito da parede e às vezes é difícil distingui-las das perfurações artificiais. Além disso, muitas foram modificadas pelo acréscimo de sulcos ou aprofundadas de alguma forma.

Observe que as perfurações circulares ou cilíndricas de maiores dimensões e os sulcos retilíneos verticais mais profundos, que poderiam ser afiadores, se concentram principalmente na parte baixa da parede. As perfurações, muitas vezes, em vez de serem perpendiculares à parede, se inclinam para baixo.

É muito comum a sobreposição de motivos distintos: principalmente a de perfurações menores no interior de outras perfurações maiores ou de sulcos, ou a de perfurações maiores no interior das grades formadas pelos sulcos.

Os círculos e elipses descritos como motivo III, gravados por picoteamento e raspagem, em geral se acham também parcialmente obliterados pela superposição de gravuras de alguns dos motivos arrolados acima como 1-8, executadas por polimento. Entre estes últimos se observa também a substituição parcial de gravações já quase obliteradas pelo tempo, por outras novas. Isto ocorre principalmente quando a superfície sobre a qual foi gravada um motivo desapareceu pela esfoliação de uma fina camada do arenito. Então foi gravado um outro motivo, quase sempre de menores dimensões, sobre a nova superfície criada na cicatriz.

Este fato possibilitou o estabelecimento de uma cronologia relativa das gravações, pois se observa que:

a) os círculos e elipses gravados por picoteamento e raspagem foram obliterados por motivos gravados por polimento; e

b) de cada vez que esfoliaram partes destas gravações por polimento, executadas com sulcos profundos e largos, muitas vezes com pigmento preto no seu interior, sempre foram substituídas por outras de menores dimensões, principalmente pisadas de ave com mais de três dedos, gravadas com sulcos mais estreitos e rasos e que não apresentam restos de pintura.

Temos, portanto, estabelecida uma diacronia entre o que poderíamos chamar de três estilos diferentes, caracterizados pelas diferentes técnicas, motivos e dimensões das gravuras.

Como as novas gravações só foram executadas depois da esfoliação da superfície onde estavam as antigas, devem estar separadas por bastante tempo.

Escavação (Fig. 6)

Em 1971 se escavaram onze quadrículas, cada uma medindo em geral $4m^2$, e somando uma área total de cerca de $44m^2$. A escavação se processou em níveis artificiais de 10m de espessura.

Na face do bloco que forma abrigo foram escavadas sete quadrículas. Quatro quadrículas contíguas formando uma trincheira perpendicular à parede do fundo (C2, C4, C9 e C11) e uma quadrícula isolada (C1) foram escavadas no centro do painel principal dos petroglifos.

Duas quadrículas contíguas formaram outra trincheira, também perpendicular à parede do fundo, no extremo esquerdo do painel (C8, C10) e mais uma quadrícula isolada foi escavada alguns metros além do extremo direito do mesmo painel (C3). Três quadrículas em parte contíguas foram escavadas na face oposta do abrigo, mais próximas do extremo NNO do bloco (C5, C6, C7).

As oito quadrículas escavadas dentro do abrigo revelaram como o desmoronamento da aba do teto formou um muro paralelo ao fundo, constituído de grandes blocos e lajes que medem desde mais ou menos $70 \times 80 \times 80cm$ até $4 \times 2 \times 2m$. Este muro tem o seu topo afastado uns 4m do fundo e os maiores blocos ainda sobressaem mais de 1m acima do nível atual do solo. Como os depósitos preenchem os espaços existentes entre o referido

muro e a parede do fundo do abrigo e entre os próprios blocos que formam o muro, sua espessura é muito variável. A camada arqueológica atinge até 140cm de espessura junto à parede do fundo e diminui para somente uns 50cm de espessura para o exterior da parte abrigada pela aba do teto, contando-se, portanto, desde 5 até 14 dos níveis artificiais de 10cm cada um, por quadrícula.

Os sedimentos finos e arenosos resultantes da decomposição do arenito, continham muitos fragmentos e blocos ainda não inteiramente decompostos. A primeira camada de 4 ou 5cm de espessura, é seca e friável e apresenta coloração rósea, todo o restante tem coloração escura: cinzenta ou marrom; e se mantém quase sempre seca e friável até a base, quando no interior do abrigo, sendo úmida e compacta no seu exterior.

A rocha de base é o arenito em decomposição ou um sedimento arenoso estéril de cor amarelada, mais ou menos compacto.

Observou-se que a maior parte dos desmoronamentos ocorreu antes da ocupação, portanto a deposição posterior, isto é, a camada arqueológica, encheu o espaço entre o muro e a parede do fundo, e o piso atual se inclina suavemente para fora do abrigo.

A base do bloco se encontra elevada uns 7m acima do nível do vale, mas o seu talude é bastante suave por ambas as faces.

Material arqueológico

Nas quadrículas escavadas sob o abrigo, a indústria lítica está constituída de instrumentos lascados, polidos e picoteados. A matéria-prima utilizada foi o basalto, o arenito metamorfozado e, em menor quantidade, o quartzo, a cornalina etc. O material lítico não é nem abundante nem característico, encontramos:

- a) Choppers.
- b) Raspadores.
- c) Lascas grandes com retoques periféricos.
- d) Duas pontas lanceoladas.
- e) Uma plaina.
- f) A extremidade proximal de um biface e um instrumento bifacial.
- g) Uma lasca retocada como faca.
- h) Uma ponta-de-projétil pedunculada e com aletas.
- i) Batedores e quebra-coquinhos com depressões.
- j) Um polidor plano-côncavo.
- k) Um disco de arenito.
- l) Um polidor de arenito.
- m) Um machado cilíndrico picoteado, com o gume polido e um sulco esboçado na extremidade proximal.

Finalmente havia:

- n) Alguns núcleos e muitos restos de lascamento.
- o) Lascas com ou sem sinais de utilização.

Foram encontrados fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani na superfície e em algumas quadrículas até 60cm de profundidade.

Os instrumentos, núcleos e lascas maiores se concentravam na parte externa do muro de blocos caídos e os restos de lascamento na parte interna, como se os ocupantes tivessem quebrado os blocos de matéria-prima no exterior e ido retocar os instrumentos no interior, junto à parede do fundo. Todo o material arqueológico se rarefazia para fora do abrigo.

Observaram-se alguns indícios de fogueiras que somente continham carvões e cinzas. Existem poucos resíduos de alimentação: ossos de pequenos animais, principalmente mamíferos, carapaças de caracóis e sementes de palmáceas carbonizadas.

Em duas prospeções, executadas em 1969 na parte posterior do abrigo, se identificou um extenso sítio com cerâmica da tradição Tupiguarani, no qual se observaram uns vinte locais onde se concentravam na superfície do solo fragmentos de cerâmica e instrumentos líticos. Estas concentrações indicariam vestígios de habitações de planta circular, medindo desde 10 até 50m de diâmetro, sendo mais comuns as de entre 20 e 50m de diâmetro. Uma aglomeração de 10 habitações se encontra a oeste do abrigo. Outra com sete habitações está afastada 300m para noroeste. Mais quatro habitações isoladas se encontram espalhadas ao redor, a 200 e 500m ao sul e a 700m a oeste.

O material lítico superficial se compõe de duas dúzias de discos biconvexos de arenito, picoteados ou polidos (*lentilhas*), um machado discoidal com gume periférico (*itajá*) e uma cunha de ferro encontrada nas proximidades.

Em 1971, se escavaram também três quadrículas, em parte contígua, em depósitos acumulados contra a parte posterior do bloco do abrigo. A escavação foi executada em níveis artificiais de 7cm. A camada arqueológica tinha a espessura de 50cm e estava constituída de solo arenoso-argiloso, húmico, de coloração muito escura, úmido porém friável, contendo ainda grande quantidade de fragmentos de arenito. O substrato estéril tem a mesma composição que o das quadrículas escavadas dentro do abrigo. O material arqueológico obtido foi:

- a) Grande quantidade de fragmentos de cerâmica da mesma tradição Tupiguarani, como os que foram recolhidos superficialmente e escavados até os 60cm nas quadrículas executadas dentro do abrigo.
- b) Fragmentos de cerâmica da tradição européia, alguns importados, incluindo majólica, mas a maioria provavelmente fabricados localmente.
- c) Ossos e dentes de um animal de grande porte – cavalar ou vacum.

Nos arredores foram encontradas, por moradores da localidade, três urnas funerárias de dimensões médias. Uma delas possui estranhas alças ou asas colocadas pelo lado interno em vez de externamente e outra continha contas cilíndricas de vidro azul e branco.

Temos três datações radiocarbônicas para as quadrículas escavadas sob o abrigo:

605 ± 40 a.P.: A.D. 1305 – 1385 (C2, 30-40cm) (SI – 1002)

800 ± 40 a.P.: A.D. 1110 – 1190 (C2, 60-70cm) (SI – 1003)

2795 ± 55 a.P.: 900 – 790 a.C. (C10, 70-80cm) (SI – 1004)

Como na gruta de Canhemborá, estas datações, separadas por vinte e três séculos, não representam a ocupação continuada do abrigo, pois isto entra em contradição com a pequena quantidade de material arqueológico e sua estratigrafia, mas devem corresponder a três momentos sucessivos e distintos de ocupação.

Nos níveis correspondentes ao primeiro momento de ocupação, datados ca. 900-790 a.C. (70-80cm) não existem pontas-de-projétil, porém nos níveis correspondentes ao segundo momento de ocupação, datados ca. A.D. 1110-1190 (60-70cm), aparece a ponta-de-projétil pedunculada e com aletas (C10) e o machado polido no gume (C11).

Em alguns casos, fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani foram encontrados até 60cm de profundidade, mas é mais provável que se relacionem com um terceiro momento de ocupação datado ca. A.D. 1305-1385 (30-40cm).

Além disso, o sítio cerâmico superficial foi identificado como o local da Redução de São José, o que permite datá-lo A.D. 1633-1637.³² No entanto, não existe entre os petroglifos nenhum motivo que se possa relacionar com as atividades missionárias.

A conexão entre os petroglifos e a camada arqueológica se fez da seguinte maneira:

No nível 70-80cm da quadricula 2 (C2) se encontrou um fragmento plano de arenito, esfoliado da parede do abrigo, apresentando parte de um petroglifo cujo restante ainda é visível *in situ* acima da quadricula. Portanto, alguns dos petroglifos ainda são mais antigos do que esta primeira ocupação datada ca. 900-790 a.C.

Mais acima, na mesma quadricula, no nível 40-50cm se encontrou outro fragmento esfoliado da parede à maior altura do que o anterior e se observou que na cicatriz deixada pela sua queda foram executadas algumas perfurações. Portanto, em época posterior a esta ocupação, datada ca. A.D. 1200-1300, por comparação com as datações radiocarbônicas dos níveis inferior e superior, ainda se executavam petroglifos.

Desta maneira fica demonstrada pelo menos a contemporaneidade das camadas arqueológicas com os petroglifos. Pode-se afirmar também que os petroglifos hoje existentes formam um agregado que foi sendo aumentado em vários momentos sucessivos desde antes de ca. 900 a.C. até depois de ca. A.D.1300, portanto ao longo de dois mil e duzentos ou dois mil e quatrocentos anos.

Síntese

É característica a situação topográfica dos abrigos e grutas, naturalmente escavados em paredes de arenito, abrindo para a várzea de um grande rio, o Jacuí, com rampas muito fortes nos taludes de acesso, com exceção do abrigo da Pedra Grande que se abre para um pequeno vale, drenado por um subafluente do rio Toropi, e cujo acesso é muito suave por ambas as faces.³³

Todos os abrigos e grutas foram ocupados pelo homem. A área efetivamente protegida pelo teto é sempre pequena, mas antigamente os paredões estavam cercados de árvores de grande porte cuja folhagem protegia a entrada das intempéries; mesmo assim, devido à pequena área disponível para a ocupação humana, esta deve ter se resumido sempre a grupos muito pequenos, compostos de umas poucas pessoas de cada vez. A

ocupação começou sempre quando o piso ainda estava atravancado de grandes blocos e tijos despreendidos do teto e das paredes. Ainda que o espaço disponível fosse muito pequeno, os ocupantes viveram no meio destes blocos de 0,40 a 1,80m de altura, utilizando-os como móveis ou anteparos para as suas fogueiras.

O fato de que as gravações tenham sido executadas até o teto nas grutas de Canhemborá e do lajeado dos Dourados, a quase 3m de altura e até um pouco mais de 2m nas paredes dos abrigos — medindo-se desde o nível atual do piso — sugere a utilização de escadas ou andaimes para a sua execução.

IV — SEQUÊNCIA CRONOLÓGICA DAS CAMADAS ARQUEOLÓGICAS E SEU CONTEÚDO: LÍTICO E CERÂMICO

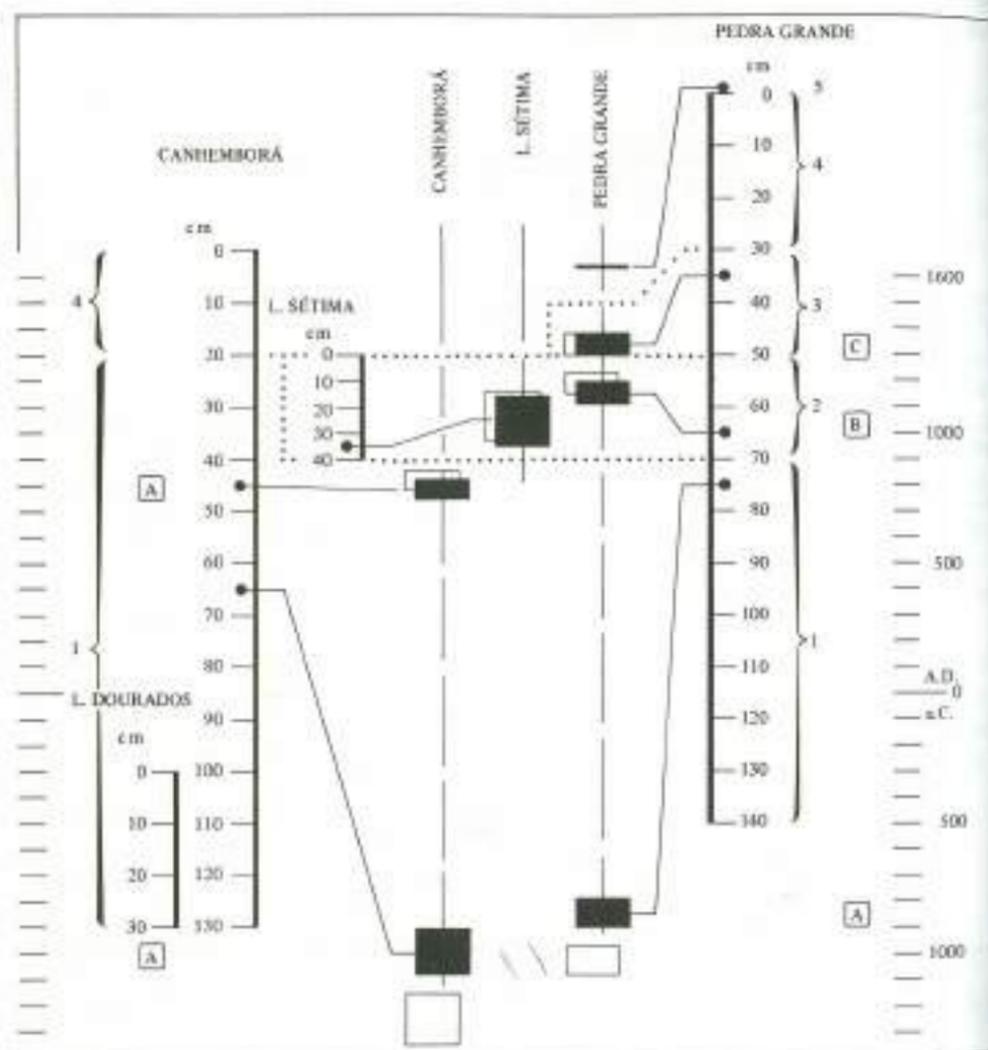
O conjunto das datações absolutas, radiocarbônicas e num caso históricas, que possuímos para as camadas arqueológicas dos abrigos da linha Sétima e da Pedra Grande e da gruta de Canhemborá, está representado a seguir, com as datas na sua ordem natural e as camadas a que pertencem interdigitadas estratigraficamente.

MÉTODO DE DATAÇÃO	DATAÇÃO (1-sigma)	NÚMERO DE LABORATÓRIO	LOCAL	POSIÇÃO ESTRATIGRÁFICA
Histórico C14	A.D. 1633-1637	(SI-1002)	Pedra Grande	Superfície
	A.D. 1305-1385 * 1245-1375		Pedra Grande	C2, 30-40cm
C14	A.D. 1110-1190 * 1145-1225	(SI-1003)	Pedra Grande	C2, 60-70cm
	A.D. 950-1140 * 965-1155	(SI-1196)	linha Sétima	30-40cm
C14	A.D. 750- 820 * 765- 855	(SI-1000)	Canhemborá	C5, 40-50cm
	900- 790 a.C. *1075- 965 a.C.	(SI-1004)	Pedra Grande	C10, 70-80m
C14	1080- 910 a.C. *1345-1135 a.C.	(SI-1001)	Canhemborá	C5, 60-70cm

C14: Datações radiocarbônicas executadas pelo *Radiation Biology Laboratory* da *Smithsonian Institution*.

* Correção MASCA, *Applied Science Center for Archaeology*³⁴ (Ralph, Michael & Han, 1973).

O gráfico seguinte (Fig. 7) demonstra de maneira mais clara as relações existentes entre as datações radiocarbônicas e a estratigrafia dos abrigos e grutas. As barras centrais pretas indicam as datações de C14 e as brancas, as suas correções MASCA, sempre com o desvio padrão estatístico usual de 1 sigma. As escalas laterais representam a estratigrafia das diversas quadrículas condensadas numa única coluna estratigráfica para cada sítio.



As linhas relacionam as datações à posição estratigráfica das amostras datadas.

A comparação do material arqueológico: lítico e cerâmico, com as datações radiocarbônicas e a sua estratigrafia, sugere que existiram cinco momentos distintos e sucessivos de ocupação humana dos abrigos e grutas, cada um deles caracterizado pelo seu contexto analítico, que podem ser diacronizados como segue.

As quatro primeiras ocupações humanas são pré-históricas: duas delas pré-cerâmicas, seguidas por uma que se poderia chamar pós-cerâmica e outra cerâmica; e a quinta já é histórica, correspondendo ao momento do contato entre indígenas e missionários no século XVII.

1) Um momento de ocupação pré-cerâmica sem pontas-de-projétil

Material arqueológico: Caracterizado principalmente pelos bifaces grandes e alongados, os machados polidos no gume, as mós ou trituradores planos feitos por picoteamento e os fragmentos de mineral corante aguçados nas extremidades, provavelmente usados para pigmentar e polir as gravações.

Sítios e posição estratigráfica: Na gruta de Canhemborá, como não se observam mudanças significativas no material arqueológico, se pode atribuir, à mesma tradição cultural, praticamente toda a espessura das camadas depositadas no seu interior, exceto talvez os primeiros 20cm onde aparecem fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani. Mesmo assim estes podem ter penetrado desde a superfície e indubitavelmente se relacionam com um outro momento de ocupação posterior da gruta de que falaremos adiante.

As duas datações radiocarbônicas: 1080-910 a.C. (C5, 60-70cm) (SI-1001) A.D. 750-820 (C5, 40-50cm) (SI-1000), apesar de estratigraficamente serem quase contíguas na mesma quadrícula, se acham separadas por um hiato de mil seiscentos e sessenta anos, o que só pode indicar duas ocupações sucessivas por portadores da mesma tradição cultural, separadas por este espaço de tempo.

No abrigo da Pedra Grande há muito pouco material característico, no entanto, a ausência de pontas-de-projétil e a datação: 900-790 a.C. (C10, 70-80cm) (SI-1004) que se pode correlacionar com a 1080-900 a.C. na gruta de Canhemborá, permitem atribuir os níveis 70-140cm à mesma ocupação.

Na gruta do lajeado dos Dourados ocorreu apenas uma única ocupação e de pouca duração, atestada pela pequena quantidade de material e a pouca espessura dos sedimentos (C1, 0-30cm). Não há datação radiocarbônica, mas a presença do material característico, principalmente os grandes bifaces alongados, permite atribuir a sua única ocupação aos portadores da mesma tradição cultural, situando-a correlativamente no tempo com a ocupação dos outros abrigos e grutas.

Posição temporal: A estratigrafia da gruta de Canhemborá indica que este primeiro momento de ocupação se iniciou antes de 1100 a.C., pois abaixo do nível datado (C5, 60-70cm) se encontra ainda uma camada de mais 60cm de sedimentos.

O mesmo raciocínio não se pode aplicar a Pedra Grande, pois o nível datado (C10, 70-80cm) é praticamente o último na maior parte das quadrículas, pois a camada

arqueológica somente desce até 140cm de profundidade contra a parede do fundo do abrigo, no estreito espaço entre esta e o muro formado pelo desmoronamento da aba do teto que não podia ser utilizado diretamente durante a ocupação humana.

No abrigo da Pedra Grande ocorreu provavelmente um só momento de ocupação que pode ser datado (C10, 70-80cm (SI-1004), mas na gruta de Canhemborá, houve uma segunda ocupação, defasada cerca de 1600-1700 anos da primeira. Como na mesma quadrícula existem ainda mais 20 ou 30cm de deposições de sedimentos acima do segundo nível datado (C5, 40-50cm), o final deste primeiro momento de ocupação dos abrigos e grutas pode ser um pouco posterior a A.D. 750 — 820 (SI-1000).

Antes ca. 1100 a.C. a depois de A.D. 800.

A tradição cultural representada pode muito bem ter existido na área por mil e novecentos anos, ocupando em diversas ocasiões distintas os abrigos e grutas.

2) Um momento de ocupação pré-cerâmico com pontas-de-projétil

Material arqueológico: Caracterizado principalmente pelas pontas-de-projétil pedunculadas e com aletas, as pontas-de-projétil lanceoladas, as facas bifaciais sobre lascas, e os machados cilíndricos picoteados, polidos no gume e com sulcos esboçados; mas continuam os grandes bifaces alongados. Corresponde ao contexto analítico da fase **Rio Pardinho** no seu momento pré-cerâmico. A fase **Rio Pardinho**, da qual falaremos adiante nas comparações do material arqueológico, é característica da encosta do planalto meridional, a leste do vale do rio Jacuí.^{3,5}

Sítios e posição estratigráfica: No abrigo da linha Sétima Ihe foram atribuídos os níveis 20-40cm, com uma só datação radiocarbônica: A.D. 950-1140 (30-40cm)(SI-1196).

No abrigo da Pedra Grande existe uma datação correlativa: A.D. 1110-1190 (C2, 60-70cm) (SI-1003) e se observa o mesmo material característico, embora em menor quantidade, de maneira que os níveis 50-70cm ou 60-70cm se podem atribuir à mesma ocupação.

O nível seguinte, mas em outra quadrícula (C10, 70-80m), apresenta uma datação muito distinta: 900-790 a.C. (SI-1004), de onde se deduz que a gruta foi desocupada durante cerca de mil e novecentos anos. No entanto, a diferença do que ocorreu na gruta de Canhemborá, não foi reocupada por portadores da mesma tradição cultural mas pelos de uma outra, a fase **Rio Pardinho**, que poderia também corresponder a um momento mais recente da mesma, o que, apesar de possível, não tem comprovação.

Nas grutas de Canhemborá e do lajeado dos Dourados não se observa o material arqueológico característico deste momento e do seguinte, principalmente as pontas-de-projétil pedunculadas e com aletas, nem temos datações correlativas, de onde se desprende que não foram ocupadas pelos portadores desta tradição cultural.

Posição temporal: Devido às duas datações radiocarbônicas, se pode situar com bastante clareza entre ca. A.D. 950 e 1200.

3) Um momento de ocupação com pontas-de-projétil e cerâmica da tradição Tupiguarani (fase Rio Pardinho pós-cerâmica)

Material arqueológico: Caracterizado pelas mesmas pontas-de-projétil pedunculadas e com aletas ou lanceoladas do momento anterior, mas, destas vez, acompanhadas de fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani.³⁶

O número de fragmentos de cerâmica é muito pequeno (5 ou 6) mesmo em relação ao número também pequeno de instrumentos líticos. Como os sítios típicos dos portadores da tradição cerâmica Tupiguarani apresentam sempre muito maior quantidade de fragmentos, desde algumas centenas até milhares e, por outro lado, neles não existem pontas-de-projétil líticas, fica excluída a possibilidade de que esta ocupação corresponda diretamente aos portadores daquela tradição.

A pequena quantidade de fragmentos de cerâmica e sua posição estratigráfica no abrigo da linha Sétima, sugere que as vasilhas foram adquiridas pelo mesmo grupo pré-cerâmico por meio de trocas efetuadas com os portadores da tradição cerâmica Tupiguarani, representando, portanto, uma situação de contato cultural da categoria A, tipo I (A.1) segundo a classificação de G. Willey e D. W. Lathrap.³⁶

O mesmo processo parece ter ocorrido na fase Rio Pardinho que possui muitos sítios sem cerâmica e alguns outros com uma proporção mais ou menos semelhante de fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani. Portanto o material arqueológico, nos momentos de ocupação 2 e 3, corresponde ao contexto analítico da fase Rio Pardinho em seus momentos pré e pós-cerâmico, isto é, antes e depois do início da aquisição de cerâmica da tradição Tupiguarani por meio de trocas.³⁷

Sítios e posição estratigráfica: No abrigo da linha Sétima lhe foram atribuídos os níveis 0-20cm, quando aparecem fragmentos de cerâmica no mesmo contexto dos níveis inferiores datados A.D. 950-1140 (30-40cm) (SI-1196).

No abrigo da Pedra Grande há uma datação posterior: A.D. 1305-1385 (C2, 30-40cm) (SI-1002) que possivelmente se correlaciona à mesma ocupação, no entanto é mais difícil decidir se representa a fase Rio Pardinho pré ou pós-cerâmica, devido à presença ou à penetração de fragmentos de cerâmica, em algumas quadrículas até 60cm de profundidade.

Posição temporal: Com a maior probabilidade é posterior a A.D. 1200, estendendo-se talvez até ca. A.D. 1400.

4) Um momento de ocupação com cerâmica da tradição Tupiguarani

Material arqueológico, sítios e posição estratigráfica: Caracterizado pela presença de fragmentos de cerâmica desta tradição dos níveis superiores de algumas das quadrículas da gruta de Canhemborá (0-20cm) e do abrigo da Pedra Grande (0-60cm).

As características da cerâmica a relacionam com a fase Vacacá. O início desta fase é calculado, em comparações com outras da mesma área, como se situando ca. A.D. 1100,

mas sua penetração na escarpa do planalto deve ter levado algum tempo, de maneira que, ao menos no abrigo da Pedra Grande, onde a ocupação anterior pelos portadores da fase **Rio Pardinho** teria se prolongado até ca. A.D. 1400, o início da ocupação pelos portadores da cerâmica da fase **Vacacaf** deve ser datado como posterior a esta última data.

Os indígenas da área, denominados **Tapes** pelos cronistas, foram reunidos nas Reduções pelos missionários jesuítas espanhóis entre A.D. 1627 e 1641, de maneira que este período marca, na maior parte dos casos, o final da fase **Vacacaf**.³⁸

Posição temporal: ca. A.D. 1400-1627/41.

5) Redução de São José. Um momento de ocupação com cerâmica de transição entre a tradição **Tupiguarani** e a europeia (fase Reduções)

O grande sítio cerâmico superficial situado atrás do abrigo da Pedra Grande, foi identificado como tendo sido o local da Redução de São José, ocupada A.D. 1633-1637.³⁹

Resumindo os cinco momentos sucessivos de ocupação humana dos abrigos e grutas, temos:

1) Pré-cerâmico sem pontas-de-projêtil:

Grutas de Canhemborá e do lajeado dos Dourados e abrigo da Pedra Grande.
Antes de ca. 1100 a.C. até depois de ca. A.D. 800.

2) Fase **Rio Pardinho** pré-cerâmica:

Abrigos da linha Sétima e da Pedra Grande.
Ca. A.D. 900-1200.

3) Fase **Rio Pardinho** pós-cerâmica:

Abrigos da linha Sétima e da Pedra Grande.
Ca. A.D. 1200-1400.

4) Tradição cerâmica **Tupiguarani**, fase **Vacacaf**:

Abrigo da Pedra Grande e gruta de Canhemborá.
Ca. A.D. 1400-1600.

5) Redução de São José:

Proximidades da Pedra Grande.
A.D. 1633-1637.

V - SEQÜÊNCIA CRONOLÓGICA DOS PETROGLIFOS

A diacronia observada entre as gravações do abrigo da Pedra Grande pode ser estendida, por comparação, aos outros abrigos e grutas pesquisados na mesma área. Nem todos os motivos, assim como as suas dimensões e a técnica de sua execução, puderam na realidade ser nitidamente classificados em um ou outro dos três estilos propostos, mas a seguir procuramos indicar quais as características mais importantes de cada um.

Estilo A (Fig. 1 e 2)

Técnica: Predominantemente por picoteamento e raspagem, na gruta de Canhemborá e da Pedra Grande, talvez por polimento na gruta do lajeado dos Dourados.

Sulcos largos (até 2cm de largura) e rasos (até 1cm de profundidade). Depressões largas (6 a 14cm de diâmetro) e rasas (5 a 25cm de profundidade). Perfurações de diversas dimensões (desde 5mm de diâmetro e de profundidade, até 10cm de diâmetro e 3cm de profundidade).

Na gruta de Canhemborá, os sulcos e depressões estão usualmente preenchidos com pigmento preto, verde, branco, roxo ou marrom.

Motivos: Pegadas de felino e pisadas de ave com três dedos, que formam rastros subindo pelas paredes, círculos ou elipses com perfuração ou sulco central (símbolo sexual feminino), sulcos retilíneos verticais paralelos (símbolo fálico), sulcos ondulantes (serpente) e meandros.

Dimensões: Grandes, ex.: pegada de felino de 6 a 8, ou de 12 a 14cm de diâmetro na depressão central; pisada de ave: de 12 a 15cm de altura.

Sítios onde se encontram: Grutas de Canhemborá e do lajeado dos Dourados e extremo esquerdo do painel principal do abrigo da Pedra Grande.

Posição temporal: No abrigo da Pedra Grande alguns motivos deste estilo se encontram debaixo de gravações do estilo seguinte (B).

Estilo B

Técnica: Predominantemente por polimento, mas as perfurações, às vezes, por picoteamento.

Sulcos largos (10 a 15mm de largura) e profundos (10 a 25mm de profundidade) com secção em U.

Perfurações menores (desde 5mm até 1cm de diâmetro), mas que podem ser mais profundas (desde 5mm até 5cm de profundidade) que as do estilo A.

No abrigo da Pedra Grande os sulcos e perfurações podem estar pintados interiormente de preto ou cor de chumbo.

Motivos: Pisadas de ave com três dedos ou em forma de âncora, não formando rastros, sulcos curvilíneos em forma de U, sulcos retilíneos verticais e paralelos alinhados que podem estar ou não cortados por um ou mais sulcos horizontais, às vezes formando grades, espinhas de peixe e perfurações, em geral médias e picoteadas, alinhadas, às vezes desenhando figuras lineares, sulcos retilíneos entrecruzados (estrela) e perfurações das quais irradiam sulcos (sol).

Dimensões: Médias, ex.: pisada de ave: entre 10 e 12cm de altura.

Sítios onde se encontram: Abrigos da linha Sétima e da Pedra Grande, talvez também na gruta do lajeado dos Dourados.

Posição temporal: No abrigo da Pedra Grande alguns dos motivos deste estilo se acham debaixo de gravuras do estilo C e superpostas a gravuras do estilo A.

Estilo C

Técnica: Sulcos estreitos (2 a 3mm de largura) e relativamente rasos (2 a 3mm de profundidade) com secção em U ou V, executados por polimento.

Sulcos mais largos (até 25mm de largura) e mais profundos (até mais de 5cm de profundidade) que os do estilo B com secção em V, curvilínea, e fundo côncavo que parecem afiadores. Perfurações cilíndricas, broqueadas, com pequeno diâmetro (de 2 a 5mm) e pouca profundidade (2 a 10mm).

Ausência de vestígios de pigmento.

Motivos: Em geral os mesmos que são mais freqüentes no estilo B, mas principalmente: pisadas de ave com três ou cinco dedos, sulcos retilíneos verticais e paralelos cortados por outros horizontais, freqüentemente formando grades, muitas vezes emolduradas por um sulco, perfurações pequenas alinhadas desenhando figuras lineares ou perfurações pequenas agrupadas e molduradas por sulcos.

Dimensões: Pequenas, ex.: pisadas de ave: entre 6 e 9cm de altura.

Sítio onde se encontra: Abrigo da Pedra Grande.

Posição temporal: No abrigo da Pedra Grande alguns motivos deste estilo se superpõem a motivos do estilo B.

É necessário ressaltar que os estilos propostos não constituem provavelmente manifestações estanques, mas o mais provável é que representem momentos sucessivos de evolução através do tempo da mesma tradição de gravações rupestres.

Resumindo os dados a respeito de (a) lugares onde se observam os três estilos propostos e (b) superposições que serviram para efetuar a diacronização entre eles, temos:

ESTILO	LOCAL
C	– Somente no abrigo da Pedra Grande, superposto a gravações do estilo B.
B	– No abrigo da Pedra Grande, debaixo de gravações do estilo C e superposto a gravações do estilo A; no abrigo da linha Sétima; talvez também na gruta do lajeado dos Dourados.
A	– No abrigo da Pedra Grande, debaixo de gravações do estilo B; na gruta de Canhemborá; na gruta do lajeado dos Dourados.

Relacionando uma com as outras, as superposições das gravações características de estilos diferentes, como foram observadas nos diversos abrigos e grutas, é possível formar uma espécie de estratigrafia, através da qual, se A se encontra debaixo de B e B debaixo de C, podemos concluir que a seqüência dos três estilos propostos para os petroglifos deve ser, no sentido da passagem de tempo, isto é, do mais antigo para o mais recente:

A → B → C

Já vimos como as observações feitas no abrigo da Pedra Grande e, em menor escala, na gruta de Canhemborá, demonstram a existência de uma contemporaneidade, pelo menos geral, entre os petroglifos nelas gravados e as camadas arqueológicas depositadas no seu interior.

Por outro lado parece perfeitamente lógico o raciocínio que os ocupantes dos abrigos e grutas, responsáveis pela deposição das camadas arqueológicas no seu interior, tivessem sido também os que gravaram os petroglifos nas suas paredes e teto.

Combinando entre si (a) a seqüência cronológica relativa construída com os três estilos propostos para a diacronização dos petroglifos e (b) os momentos sucessivos de ocupação humana dos abrigos e grutas onde estes estilos se encontram representados; como no gráfico (Fig. 7), temos que:

1. As grutas de Canhemborá e do lajeado dos Dourados, onde se encontra somente o estilo A, foram ocupadas somente por portadores da mesma tradição cultural pré-cerâmica, sem ponta-de-projétil.

2. O abrigo da linha Sétima, onde se encontra somente o estilo B, também só foi ocupado por portadores da fase Rio Pardinho, nos seus momentos pré e pós-cerâmico.

3. O abrigo da Pedra Grande, onde se observam os três estilos (A, B e C) foi ocupado sucessivamente pelos portadores das duas tradições culturais acima, sendo que, neste abrigo, a fase Rio Pardinho, provavelmente no seu momento pós-cerâmico, apresenta uma datação mais tardia do que no da linha Sétima: A.D. 1305-1585 (SI-1002). Recordamos então que o estilo C também só se observa neste abrigo.

As diversas coincidências espaciais e temporais — pois a ordem de sucessão dos estilos A, B e C também coincide com a das ocupações (1, 2, 3) — sugerem, portanto, o seguinte relacionamento:

estilo A — com a ocupação pré-cerâmica sem pontas-de-projétil nas grutas de Canhemborá e do lajeado dos Dourados e no abrigo da Pedra Grande, entre ca. 1100 a.C. e A.D. 800;

estilo B — com os portadores da fase Rio Pardinho pré-cerâmica, nos abrigos da linha Sétima e da Pedra Grande, ca. A.D. 900-1200;

estilo C — com os portadores da fase Rio Pardinho pós-cerâmica, no abrigo da Pedra Grande, ca. A.D. 1200-1400.

Não é possível atribuir nenhuma das gravações aos portadores da tradição cerâmica Tupiguarani, tanto na gruta de Canhemborá como no abrigo da Pedra Grande, porque em todo o imenso âmbito onde eles se espalharam no leste da América do Sul, jamais apresentaram este tipo de manifestação cultural. Também não se observam entre os petroglifos motivos que pudessem sugerir a intervenção dos índios da Redução ou dos missionários.

Síntese

A análise funcional da indústria lítica, a pequena quantidade de instrumentos definíveis, a existência de poucos vestígios de fogueiras e as datações indicando ocupações

sucessivas separadas por muito tempo, indicam que os abrigos e grutas foram utilizados como sítios de habitação, possivelmente estacional ou temporária, por grupos muito pequenos de caçadores e coletores nômades, possuidores de culturas materiais relativamente simples. As pontas-de-projétil do segundo e terceiro momento de ocupação, indicam a utilização do arco, com a possível ênfase na caça. A raridade dos restos ósseos e vegetais, provavelmente devido à má conservação por causa da composição dos sedimentos, impediu, no entanto, um maior conhecimento da sua alimentação.

Mais recentemente, também grupos de horticultores **Tupiguarani**, os **Tape**, usaram esporadicamente estes locais como abrigo, como vêm sendo utilizados ainda atualmente por acampamentos de caçadores.

Os petroglifos, iniciados pelos primeiros ocupantes humanos, foram sendo renovados e aumentados pelos ocupantes seguintes, às vezes durante longos períodos de tempo, como os de mais de dois mil anos observados na gruta de Canhemborá e no abrigo da Pedra Grande. O passar de tanto tempo pode justificar perfeitamente as mudanças de estilo que se observaram.

VI - COMPARAÇÕES

Material lítico e cerâmica

Já vimos como o contexto ou acervo dos artefatos típicos escavados no abrigo da linha Sétima e, em menor escala, no da Pedra Grande, corresponde ao contexto analítico da fase **Rio Pardinho**, em especial as pontas-de-projétil pedunculadas e com aletas, as pontas-de-projétil lanceoladas, os bifaces grandes alongados e até a presença de um pequeno número de fragmentos de cerâmica da tradição **Tupiguarani**, que caracterizam o que se poderia chamar de momento pós-cerâmico desta fase.

Os sítios da fase **Rio Pardinho** até agora estudados se encontram no mesmo meio ambiente constituído pela floresta tropical da escarpa do planalto, onde se acham os abrigos e grutas com petroglifos, mas estão afastados 80km para o leste, nos vales dos rios Pardo e Pardinho. Foram localizados e pesquisados 81 sítios superficiais e, em 25 deles, havia também um pequeno número de fragmentos de cerâmica da tradição **Tupiguarani**.⁴⁰

Em termos gerais existem também muitas semelhanças entre as pontas-de-projétil pedunculadas e com aletas ou lanceoladas da fase **Rio Pardinho** e as das fases **Umbu**,⁴¹ **Itapui**⁴² e **Camuri**,⁴³ cujos sítios se encontram sobre o planalto na área entre o rio Caf e o Oceano, distanciados de 180 a 300km para o leste. Também se assemelham muito às pontas da fase **Araponga**, cujos sítios se acham nos vales do alto rio Uruguai e do rio Pelotas, 270km a nordeste⁴⁴ e as da fase **Amandaú**, também do vale do alto rio Uruguai, mas situados a 250km a noroeste.⁴⁵ Existem também pontas semelhantes nos sítios da fase **Panambi**, do alto Ijuí, situados 120km ao norte⁴⁶ e nos sítios do vale médio do rio Uruguai, do chamado complexo de **Itaqui**,⁴⁷ da desembocadura do rio Ibicuí e do baixo Ijuí,⁴⁸ que se acham a mais de 30km a oeste. Pontas semelhantes aparecem também nos aterros artificiais que são os sítios característicos da fase **Patos** da planície litorânea da

laguna dos Patos, distanciados mais de 200km para sudeste.⁴⁹ Todas estas fases são pré-cerâmicas, mas pontas semelhantes também aparecem nos sítios da fase cerâmica **Ibirapuitã**, do baixo **Ibicuí**.⁵⁰ Aliás, todas as pontas que podem ser descritas como pontas de flecha no Rio Grande do Sul, são muito semelhantes.

A distribuição espacial destas pontas — se se toma como centro a área da fase **Rio Pardinho** — forma, portanto, a partir do leste para o nordeste, norte e noroeste até o oeste, um amplo arco voltado para o sul. Assim ocupa a escarpa do planalto voltada para o vale do rio Jacuí e depois a voltada para o Oceano, por cima do planalto chega ao vale do rio Pelotas e ao alto e médio Uruguai, até a desembocadura do **Ibicuí**, se encontrando também a sudeste na planície litorânea da laguna dos Patos.

O ambiente ocupado parece ter sido preferentemente os biomas fechados, isto é, áreas florestadas.

Todas estas relações já foram antes indicadas em outro lugar,⁵¹ e a posição temporal das manifestações arqueológicas citadas é a seguinte:

A fase **Umbu** é a mais antiga de todas e possui três datações radiocarbônicas: 5950 ± 190 a.P.: 4000 a.C. (SI-234), 5680 ± 240 a.P.: 3730 a.C. (SI-235) e 4280 ± 180 a.P.: 2330 a.C. (SI-233). A fase **Rio Pardinho** possui três datações: 905 ± 95 a.P.: A.D. 950-1140 (SI-1196), 800 ± 40 a.P.: A.D. 1110-1190 (SI-1003) e 605 ± 40 a.P.: A.D. 1305-1385 (SI-1002). A fase **Itapuí** possui duas datações: 5655 ± 140 a.P.: 3705 a.C. (SI-1199) e 1740 ± 65 a.P.: A.D. 145-275 (SI-2344). Para o complexo de **Itaqui** possuímos uma só datação: 3527 ± 145 a.P.: 1428-1718 a.C. (SI-800), porém não se sabe de que maneira a datação se relaciona com as pontas-de-projêtil. Para a fase **Camuri**: 575 ± 80 a.P.: A.D. 1295-1455 (SI-804) e para a manifestação da desembocadura do **Ibicuí**: 610 ± 65 a.P.: A.D. 1275-1405 (SI-1195). As fases **Amandaú**, **Araponga**, **Panambi** e **Patos** não possuem ainda datações absolutas.

As datações radiocarbônicas sugerem que as fases **Umbu** e **Itapuí** representariam uma tradição antiga de pontas-de-projêtil que se teria desenvolvido entre ca. 4000 e 2000 a.C. e cuja dispersão se teria restringido ao ângulo formado pelo planalto meridional no nordeste do Rio Grande do Sul.

Quanto às fases **Rio Pardinho** e **Camuri** e as manifestações do baixo **Ibicuí**, possivelmente junto com as fases **Amandaú**, **Araponga**, **Panambi**, e **Patos**, formariam outra tradição de pontas-de-projêtil, esta tardia, que se teria desenvolvido entre ca. A.D. 1000 e 1400 e cuja dispersão teria sido muito ampla.⁵²

Em termos mais gerais, as pontas pedunculadas e com aletas e as pontas lanceoladas da fase **Rio Pardinho**, podem ser comparadas com as do período IV de J. Bird,⁵³ nas grutas **Fell** e **Palli-Aike** e com as pontas das camadas III e IV de J. L. Emperaire, na mesma gruta **Fell**, do estreito de Magalhães.⁵⁴ G.R. Willey⁵⁵ descreve pontas semelhantes na **Pampa**. Estas manifestações da Patagônia e da **Pampa** foram classificadas por O.F. Menghin no que chamou cultura ou indústria lítica **Patagônica**.⁵⁶ Manifestações semelhantes do território da Província argentina de Entreríos, da República Oriental do Uruguai e do Rio Grande do Sul — neste caso se referindo à fase **Rio Pardinho** — foram classificadas por J. Schobinger como culturas ou indústrias líticas **Subpatagônicas**.⁵⁷

A indústria lítica **Patagônica** teria se desenvolvido desde o denominado **Patagônica antigo**, ca. 3000 a.C.⁵⁸ ou 2500 a.C.⁵⁹ até ca. A.D. 1400, portanto numa

faixa temporal que coincide parcialmente com o período de ocupação dos abrigos e grutas do Rio Grande do Sul (ca. 1100 a.C. — A.D. 1600).⁶⁰

A cerâmica da tradição **Tupiguarani** encontrada tanto na superfície e nos níveis superiores do abrigo da Pedra Grande e da gruta de Canhemborá, como no momento pós-cerâmico do abrigo da linha Sétima, pertence à fase **Vacacaf** (ca. A.D. 1100-1750) atribuída aos indígenas denominados **Tapes**, falantes da língua guarani e cuja localização na escarpa do planalto coincide com a deste grupo étnico.⁶¹

A Redução de São José, nas proximidades da Pedra Grande, foi uma das últimas fundadas pelos jesuítas espanhóis no que atualmente é o território do Estado do Rio Grande do Sul no século XVII (A.D. 1633-1637). A cerâmica encontrada no local foi classificada na fase **Reduções** (ca. A.D. 1627-1641) que representa a transição entre a cerâmica da tradição **Tupiguarani** das fases **Ijuí** e **Vacacaf** e a cerâmica denominada **Neobrasileira**. Na Redução de São José teriam sido reduzidos indígenas do mesmo grupo chamado **Tape**.⁶²

Petroglifos

Pedro A. Mentz Ribeiro descreve quinze sítios com petroglifos que se encontram na mesma escarpa do planalto, porém distanciados desde 80 até 300km para leste dos por nós pesquisados. Os petroglifos se acham gravados em abrigos ou grutas ou sobre blocos ao ar livre, na parte alta dos vales de tributários do baixo Jacuí, como os rios Pardo, Taquari, Cai e Sinos, nos municípios de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, Montenegro, São Sebastião do Cai, Portão, e Taquara. A técnica de gravação é em geral por polimento, e mais raramente por picoteamento e as gravações, com apenas uma exceção, foram também executadas sempre sobre rochas areníticas.⁶³

Ribeiro estabeleceu, em 1973, dois estilos ou tradições distintos para os petroglifos que descreve. O estilo ou tradição **I** representaria três fases. A fase **A** pertenceriam os petroglifos de onze dos quinze sítios estudados: linha Araçá II, Arroio Grande, Cerro Alegre, Cerro dos Bois I, Dona Josefa, Morro do Sobrado, Bom Jardim Velho, Virador I, Conceição I, Macaco Branco, Moquém. Pertenceriam também à fase **A** os petroglifos da gruta da Toca Grande, pesquisada por Eurico Th. Miller.⁶⁴

A fase **B** estaria representada em um único sítio: Cerro do Baú II, e a fase **C** em outros dois sítios: Cerro do Baú III e a linha Araçá I. Nestes três sítios se observam somente alguns poucos sulcos retilíneos paralelos que poderiam ser simplesmente polidores do gume de instrumentos líticos.

A técnica de execução, as dimensões dos sulcos e perfurações e principalmente os motivos das gravações da fase **A** do estilo ou tradição **I**, correspondem, em linhas gerais, ao nosso estilo **B** como se observa nos abrigos da linha Sétima e da Pedra Grande.⁶⁵ Excetuam-se os abrigos do Virador I e Conceição I, onde se observam os motivos que mais se diferenciam.

Os motivos comparáveis, mais comuns nos sítios descritos por Ribeiro, são:

- 1) sulcos retilíneos isolados ou agrupados que se unem ou entrecruzam;
- 2) pisadas de ave ou triáctilos;

- 3) sulcos em forma de U, V e X;
- 4) grades;
- 5) espinhas de peixe, árvores ou emplumaduras de flecha;
- 6) linhas quebradas;
- 7) triângulos, losangos, estrelas, vulvas etc.;
- 8) perfurações isoladas ou mais freqüentemente alinhadas.⁶⁶

Não se observam as **pisadas de felino**, os círculos com ponto ou sulco central etc. que caracterizam o nosso estilo A.

Em um único sítio, Cerro do Baú I, encontrou uma gravação picoteada de um quadrúpede esquematizado, o que corresponde ao seu estilo ou tradição II.⁶⁷

Quatro dos quinze sítios foram escavados. Em três deles: RS-C-14: Bom Jardim Velho, Virador I e Cerro Alegre, Ribeiro identificou um nível inferior com pontas que atribuiu à fase **Itapuá**, e onde obteve a datação radiocarbônica 5655 ± 140 a.P.: 3705 a.C. (SI-1199). Nos dois primeiros havia, além disso, um nível superior com cerâmica da tradição **Taquara**,⁶⁸ onde obteve duas datações radiocarbônicas: 745 ± 115 a.P.: A.D. 1090-1320 (SI-1198) e 630 ± 205 a.P.: A.D. 1115-1525 (SI-1201).

Em seis outros sítios não escavados, havia cerâmica da tradição **Tupiguarani** na superfície, ou no interior do próprio abrigo ou no exterior até 100m de distância.

O fato de que a segunda ocupação dos abrigos com petroglifos comparáveis ao nosso estilo **B** se situa na mesma faixa temporal (ca. A.D. 1100-1500), mas em vez do material arqueológico da fase **Rio Pardinho** se encontra cerâmica da tradição **Taquara**, propõe um interessante problema até agora não solucionado. Relembramos, no entanto, que destes dois sítios é no Virador I que se observam os petroglifos com motivos e dimensões mais diferentes do nosso estilo **B**⁶⁹ e no RS-C-14: Bom Jardim Velho, havia apenas um motivo gravado: diversos sulcos retilíneos que se entrecruzam formando uma estrela.⁷⁰

Entre os petroglifos gravados da República Argentina também se encontram freqüentemente conjuntos muito semelhantes tanto na técnica como nas dimensões e motivos aos petroglifos do Rio Grande do Sul. Os motivos são principalmente as **pegadas de felino**, as **pisadas de ave**, os sulcos retilíneos, os círculos, os labirintos e os grupos de perfurações e se acham gravados, como os nossos, no interior de abrigos e grutas, ou então sobre paredes ou em rochas isoladas. São observados desde o sul da **Patagonia** (Chubut e Santa Cruz), norte da **Patagonia** (Neuquén e Rio Negro), **Cuyo** (San Juan e Mendoza) até o **Noroeste** (Jujuy, Salta, Tucumán, Catamarca e La Rioja).⁷¹

Há somente uma informação para a **Mesopotamia**, numa área mais próxima da nossa área do Rio Grande do Sul, em Yapeyú, na Província de Corrientes, gravados sobre rochas isoladas na margem do rio Uruguai. Segundo J. Gradin, são constituídos de sulcos profundos retilíneos, paralelos ou entrecruzados, formando **cruzes** ou **estrelas** e de sulcos circulares, algumas vezes com outros retilíneos irradiando da periferia.⁷²

O. F. Menghin estabeleceu três fases ou estágios para os petroglifos da Argentina:

1) "Pinturas arcaicas" [negativos de mãos, cenas naturalistas e figuras geométricas muito simples];

2) "Grabados de pisadas" [estilo de pisadas];

3) "Pinturas y grabados recientes (estilo de paralelas, grecas, grabados finos y símbolos complicados)".⁷³

Os nossos propostos estilos **A**, **B** e **C** podem ser classificados ou correspondem, técnica e formalmente, à sua segunda fase ou estágio, caracterizada pelo aparecimento da técnica de gravação, em oposição a da pintura que caracterizava o primeiro, e representada pelo estilo de pisadas.

Alguns dos conjuntos de gravuras do estilo de pisadas do sul da Patagônia (Santa Cruz), publicados por F. de Aparício,⁷⁴ podem servir de exemplo das semelhanças existentes, pois parecem cópias dos petroglifos do nosso estilo **A** das grutas do Rio Grande do Sul.

Cronologicamente as gravações, e em especial o estilo de pisadas, teriam começado ca. 2000 a.C.⁷⁵ ca. 2500 a.C.⁷⁶ ou ca. 3000 a.C.⁷⁷ e se estendido até o período imediatamente anterior ao histórico.

Alguns dos motivos, como os círculos e meandros gravados com sulcos muito profundos, encontrados principalmente em Cuyo (sul de Mendoza) e no norte da Patagônia (Neuquén e norte de Chubut), representariam influências "amazônicas".⁷⁸

Os petroglifos gravados do estilo de pisadas são atribuídos por O. F. Menghin aos grupos caçadores do sul da Patagônia, portadores da indústria lítica *Patagônica*, a mesma que encontramos — na sua forma chamada por J. Schobinger *Subpatagônica*, incluindo a fase *Rio Pardo* — nos abrigos e grutas do Rio Grande do Sul também relacionada com petroglifos que correspondem ao mesmo estilo.⁷⁹

A. M. Lorandi de Gioco,⁸⁰ estudando os petroglifos gravados do *Noroeste* (norte de La Rioja, sul e centro de Catamarca), estabeleceu quatro estilos distintos. Os petroglifos estão gravados por picoteamento ou polimento em paredões ou sobre blocos ao ar livre. Entre os cinquenta e um motivos descritos, encontramos ao menos treze comparáveis aos dos petroglifos do Rio Grande do Sul (4, 19, 20, 23, 24, 27, 30, 32, 33, 35, 36, 37 e 40).⁸¹ Porém somente quatro destes motivos aparecem como sendo característicos de dois dos quatro estilos estabelecidos.

No seu estilo **I** aparecem "huellas de felino" (4)⁸² e no seu estilo **II**, "huellas de fiandú o de aves o de pájaros en general" (19), "líneas onduladas" (30) e "puntos o diseños formados por puntos" (32).⁸³

No entanto, estes motivos constituem sempre somente alguns dos elementos mais simples que serviram para caracterizar os estilos **I** e **II** e estão sempre acompanhados de outros muito mais complicados, como representações de lhamas, felinos, emas, saúrios, rostos ou figuras humanas etc.

Apesar disto, é possível reconhecer nas ilustrações muitos conjuntos de motivos semelhantes aos nossos, que não incluem motivos mais complicados.

VII — SÍNTESE

Foi possível constatar que na encosta do planalto meridional do Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul, se encontram abrigos e grutas em cujo interior se acham gravados

petroglifos que podem ser classificados no estilo de pisadas, muito difundido mais para o sul e oeste no território argentino. Além disso, como na Argentina, os petroglifos do Rio Grande do Sul parecem também estar relacionados com as pontas-de-projétil pedunculadas e com aletas incluídas por J. Schobinger nas indústrias líticas Subpatagônicas, atribuídas aos caçadores da cultura Patagônica, a quem O.F. Menghin atribuiu também os petroglifos deste estilo.

A faixa de tempo dentro da qual cremos poder situar os nossos petroglifos (ca. 1100 a.C. - A.D. 1600) também corresponde à do estilo de pisadas na Argentina (ca. 3000 a.C. - A.D. 1600).

Não é de nenhuma maneira impossível que uma mesma tradição cultural - indústria lítica e estilo de petroglifos - se tivesse estendido sobre essa imensa distância, de mais de dois mil e quinhentos quilômetros, desde o sul da Patagônia até o centro do Rio Grande do Sul, porém não possuímos nenhuma informação segura a respeito do verdadeiro sentido da difusão. A distribuição dos abrigos e grutas com petroglifos ao longo da escarpa do planalto, penetrando pelo vale do rio Jacuí, sugere a idéia do planalto como um obstáculo anteposto e do vale deste rio como uma rota de penetração de tradições provenientes do sul. Além disso, os sítios com petroglifos deste estilo na República Argentina se contam por centenas e apresentam uma imensa dispersão geográfica, enquanto que no Rio Grande do Sul foram encontrados até agora somente em dezoito locais concentrados numa área restrita e não há notícia da existência de petroglifos semelhantes mais ao norte sobre o planalto.

Tudo leva a crer, portanto, que o sentido da difusão tivesse sido do sul para o norte.

Por outro lado se coloca um interessante problema quanto ao caminho tomado pela postulada difusão conjunta das tradições de pontas e petroglifos. Tanto as pontas-de-projétil pedunculadas e com aletas do Patagônico ou Subpatagônico, como os petroglifos gravados de estilo de pisadas, faltam inteiramente na pampa húmida que, no entanto, se afiguraria como a zona de passagem obrigatória.⁸⁴ A área mais próxima do Rio Grande do Sul onde se observa a concentração de petroglifos deste estilo - com exceção do único sítio reportado na Mesopotâmia, em Corrientes - se encontra no Noroeste da Argentina (La Rioja e Catamarca), mais ou menos sobre a mesma faixa de latitude, porém mais de 1200km a oeste e em ambientes completamente distintos.⁸⁵ J. Schobinger pensa que se deve procurar o caminho da difusão das pontas-de-projétil pedunculadas e com aletas, entre a Patagônia e a pampa seca, por um lado, e a Mesopotâmia, a República Oriental do Uruguai e o sul do Brasil, por outro, em um amplo arco estendido mais para oeste, atravessando o território das Províncias de La Pampa, Córdoba e Santa Fé.⁸⁶ Parece que o mesmo se poderia pensar a respeito do caminho da difusão dos petroglifos gravados.

Outro problema se liga à ecologia dessas manifestações culturais. As pontas-de-projétil atribuídas às culturas Patagônica e Subpatagônica, são encontradas desde o estreito de Magalhães até o vale do rio Iguazu, e seus postulados portadores, os caçadores patagônicos, teriam portanto ocupado muitos ambientes diferentes, na sua longa trajetória desde o extremo sul do continente até o planalto meridional do Brasil. Enquanto isso, os petroglifos do estilo de pisadas se encontram, na Argentina, exclusivamente em áreas de clima árido ou semi-árido, onde as chuvas são escassas, variando desde o máximo de

700mm no **monte ocidental** de Cuyo e no **Noroeste**, até menos de 150mm na estepe da Patagônia. Exceptua-se somente a **ilha** de clima subúmido encontrada em Tucumán, que permite algo assim como uma floresta subtropical.

Os petroglifos do **estilo de pisadas** não são encontrados, como vimos, nem nos campos abertos da Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, nem na savana do Chaco e da **Mesopotâmia**. Por isso mesmo, parece ainda maior o salto, quando reaparecem no interior da floresta tropical da encosta do planalto meridional, no Rio Grande do Sul, numa área de clima subtropical úmido, com mais de 1500mm de chuva.

A situação dos abrigos e grutas, na transição entre dois biomas distintos – localizados dentro de um bioma fechado, a estreita faixa da floresta tropical da escarpa, mas abrindo para um bioma aberto, os campos cobertos de gramíneas que se estendem para o sul – seria ditada pela necessidade de explorar os dois ambientes ao mesmo tempo, uma situação característica dos caçadores tropicais.

Bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)
Departamento de Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

AGRADECIMENTOS:

As pesquisas se tornaram possíveis de início por meio do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) financiado pela Smithsonian Institution dos Estados Unidos da América, depois por bolsas e auxílios do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Os trabalhos de laboratório estão sendo executados no Gabinete de Arqueologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

Todas as datações radiocarbônicas foram executadas pela Smithsonian Institution Radiocarbon Laboratory, Radiation Biology Laboratory, 12441 Parklawn Drive, Rockville, Md. 20852, por um especial obsequio dos Dr. Clifford Evans e Betty J. Meggers.

Colaboraram em diferentes momentos dos trabalhos de campo: P. José Pivetta, P. Daniel Cagnin e P. Dorvalino Dotta, do Museu do Patronato Agrícola Antonio Alves Ramos de Santa Maria; Dr. Gastão Baumhardt, do Museu do Colégio Mauá de Santa Cruz do Sul; Prof. Victor Hugo O. da Silva, da Universidade Federal de Santa Maria; e as Prof.^{as} Ítala Irene Brasile Becker e Maria Helena Abraão Schorr, do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Estas duas últimas colaboraram com os autores na cópia dos petroglifos diretamente das paredes da gruta de Canhemborá e do abrigo da Pedra Grande.

Nos trabalhos de laboratório, o Prof. Ervino Barth, na época Monitor da disciplina de Antropologia, executou a cópia dos petroglifos, a Prof.^a Beatriz Ana Löhner, na época bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas, executou a cópia dos petroglifos e analisou a cerâmica da tradição Tupiguarani, e o Prof. Sergio Luiz Carvalho Leite, bolsista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, auxiliou na redação final.

Agradecemos também ao Prof. Eduardo Trebin, e aos Sr. Holdemar Baldur Repke, Lincoln Steuernalgel e a família Manske, de Canhemborá, município de Nova Palma.

NOTAS

¹ MONTEIRO, Carlos Augusto F. "Geomorfologia." In *Geografia do Brasil - Grande Região Sul*. Rio de Janeiro, IBGE, CNG, 1963. v. 4, t. 1, p. 66, 74, fig. 1.

² RAMBO, S.J., P. Balduino. *A fisionomia do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre, Selbach, 1956. p. 317-41.

Ninguém melhor do que B. Rambo descreveu o aspeto da boca de serra do rio Jacuí: "As ladeiras empinadas da muralha, emergindo de planícies pantanosas, surgem cobertas de mata, freqüentes vezes interrompidas por peraus verticais, e confinam com a paisagem campestre do topo. Em breve, porém, o Jacuí abre uma profunda 'boca de Serra' na escarpa. Um olhar para dentro desse portal do Jacuí, mostra uma paisagem muito regular, formada pelos reposteiros rochosos entre os vales laterais, todos íngremes, todos tabulares na parte superior, todos cobertos de mata virgem. O vale é relativamente estreito, mas a múltipla destruição das barreiras marginais deu ensejo a florescentes colônias com arrozais junto ao rio, milhares nas porções planas e belos vinhedos nas encostas" (p. 341).

Ou a saída dos rios Ibicuí-Mirim e Toropi do planalto, no município de São Pedro do Sul: "Para o sul, a borda da Serra continua ainda um bom trecho, resolvida em esporões e contrafortes cobertos de mata. Onde o Ibicuí os rompe para dirigir-se definitivamente para o oeste, observam-se todas as formas de destruição: tabuleiros isolados, rodeados dum cinturão de peraus areníferos, morros baixos com poucos restos de metáfiro, coxilhas rebaixadas e porções planas ao nível da Campanha. Nesta zona, abundantemente coberta de vegetação silvática, desenvolvem-se os núcleos coloniais de São Pedro" (p. 318).

³ MONTEIRO, Carlos Augusto F. "O clima da região Sul." In *Geografia do Brasil - Grande Região Sul*. Rio de Janeiro, IBGE, CNG, 1963. v. 4, t. 1, fig. 66.

⁴ Id. *ibid.* p. 154, fig. 64-6, est. 2.

⁵ GALVÃO, Marília Velloso. "Regiões bioclimáticas do Brasil." In *Rev. Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, IBGE, 1967. v. 29, t. 1, p. 27-8 e mapa.

⁶ ROMARIZ, Dora A. "Vegetação." In *Geografia do Brasil - Grande Região Sul*. Rio de Janeiro, IBGE, CNG, 1963. v. 4, mapa.

⁷ SERRANO, Antonio. *Etnografia de la antigua provincia del Uruguay*. Paraná, 1936. fig. 55.

⁸ MATTOS, Anibal. "Prehistória brasileira." *Brasílica*, São Paulo, v. 137, p. 254-5, fig. 36-7, 1938.

⁹ TUPI CALDAS, J. "Litoglifos de São Pedro - Tentativa de versão." In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Ano 14, 4.^o trimestre, 9 p., 1 fig. Porto Alegre, Globo, 1940.

A fotografia reproduzida, que representa uma pequena porção da área central do painel principal do abrigo da Pedra Grande, está invertida e do grande número de gravuras da área fotografada, apenas umas vinte foram ressaltadas. Numa aproximação característica da época, influenciado por Alfredo Brandão, Barbosa Rodrigues e Ladislau Netto, tentou uma tradução baseada na semelhança com caracteres ideográficos e alfabéticos sumérios, etruscos, ibéricos, egípcios, cretenses, hebraicos e gregos antigos. No entanto, como atribuiu a inscrição a mamelucos, indicando o local de uma Missão e "filando a sua inscrição à mão enérgica dos sertanistas dos séculos dezessete e dezoito" (p. 9) é possível que, através de outras informações, soubesse da localização de uma Redução jesuítica nas proximidades. Ver: RS-SM-7: Pedra Grande, Material arqueológico.

¹⁰ BROCHADO, José Proenza. "Pesquisas arqueológicas nos vales do Ijuí e Jacuí." In *PRONAPA, Result. Prelim. III ano, 1967-8. Publ. Anuals Mus. Pa. Emílio Goeldi*. Belém, v. 13, p. 50, 53-4, 1969.

Comunicações a respeito dos petroglifos da gruta de Canhemborá e dos abrigos da linha Sétima e da Pedra Grande, foram apresentadas pelo primeiro dos autores na XXI Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Porto Alegre, a 30 de junho de 1969, e no Primer Congreso Argentino de Arqueología, reunido em Rosario, Provincia de Santa Fe, de 23 a 28 de maio de 1970.

¹¹ BROCHADO, José Proenza. "Extensão das pesquisas arqueológicas nos vales do Jacuí e Ibicuí-Mirim, Rio Grande do Sul." In *PRONAPA, Result. Prelim. IV ano, 1968-9. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, v. 15, p. 14-5, 25-6, 1971.

¹² SCHMITZ, Pedro Ignácio & BROCHADO, José Proenza. "Datos para una secuencia cultural del Estado de Rio Grande do Sul (Brasil)."

Apresentado ao Segundo Congreso de Arqueología Argentina, reunido em Cipolletti, Provincia de Rio Negro, em maio de 1972, pelo primeiro dos autores, foi distribuído, mimeografado, como a Publicação n.º 2 do Gabinete de Arqueología, DCS, IFCH, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1972.

A referência à fase Canhemborá se acha na p. 12, no mapa e no quadro cronológico.

Uma versão anterior do presente artigo: "Aleros y cuevas con petroglifos e indústria lítica de la escarpa del planalto meridional, em Rio Grande do Sul, Brasil", redigida pelos mesmos dois autores, foi publicada em *Anales de Arqueología y Etnología*, Mendoza, t. XXVII - XXVIII, p. 39-66, 1972-1973.

As várias fotos apresentadas podem ser comparadas com as cópias dos petroglifos publicadas no presente artigo.

¹³ BROCHADO, José Proenza. "Extensão das pesquisas arqueológicas nos vales do Jacuí e Ibicuí-Mirim, Rio Grande do Sul." In *PRONAPA, Result. Prelim. IV ano, 1968-9. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*.

¹⁴ Ficou estabelecido, por conveniência, que se escreverá Tupi-Guarani, sempre que se referir aos grupos etnográficos atuais ou históricos que falam ou falaram línguas da família linguística Tupi-Guarani, e se escreverá Tupiguarani, sem hífen, quando se referir à tradição cerâmica destes grupos. Tanto para economizar espaço como para simplificar a exposição, se empregará o termo tradição Tupiguarani no sentido de tradição cerâmica Tupiguarani e se falará simplesmente dos Tupiguarani quando nos referirmos aos indígenas portadores da tradição cerâmica Tupiguarani.

A tradição cerâmica Tupiguarani foi estabelecida no II Seminário do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, reunido no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, Pará, de 14 a 29 de julho de 1968. Resultaram deste Seminário as seguintes publicações:

BROCHADO, José Proenza; CALDERÓN, Valentin; CHMYZ, Igor; FERREIRA DIAS, Odeimar; EVANS, Clifford; MARANCA, Sílvia; MEGGERS, Betty J.; MILLER, Eurico Th.; NÁSSER, Nássaro A.S.; PEROTA, Celso; PIAZZA, Walter F.; RAUTH, José W.; SIMÕES, Mário F. "Arqueología brasileira em 1968. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas." *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, v. 12, p. 19, 1969.

PRONAPA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. "Brazilian Archaeology in 1968: An interim report of the National Program of Archaeology Research - PRONAPA." In *American Antiquity*, Salt Lake City, 36 (1):12-6, 1970.

A tradição cerâmica Tupiguarani é caracterizada pelos seguintes traços diagnósticos: "Sites are of superficial depth, implying short village permanence, and secondary urn burial was practiced in or adjacent to the habitation area. Stone artifacts of nearly universal occurrence are flakes, choppers, abraders, and large polished celts. The tembetá, or lip plug, is a characteristic ornament. Pipes are also common. Diagnostic techniques of pottery decoration are painting on a white-slipped surface, corrugation, all-over brushing and fingernail marking. Also widespread are red slipping, finger grooving, nicking of the rim, incision, punctation, and fingernail ridging. . . A great variety of vessel shapes occurs, ranging from rounded bowls to large angular-shouldered burial urns; bowls are often square or oval rather than circular in outline" (p. 12).

Uma caracterização desta tradição cerâmica no Rio Grande do Sul se encontra em: SCHMITZ, Pedro Ignácio e BROCHADO, José Proenza. "Datos . . .", p. 19-21.

¹⁵ BROCHADO, José Proenza. "Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani." In *Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología*, Buenos Aires, v. 7, p. 14, 23, 29; fig. 1, 2, 1973.

BROCHADO, José Proenza. "Contatos entre europeus e indígenas - Um estudo de aculturação através das mudanças na cultura material." In *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, Porto Alegre, v. 2, p. 11-47, 1974.

¹⁶ SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISAS EM SÍTIOS CERÁMICOS. "Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica." *Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas*. Manuais de Arqueologia n.º 1, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1966.

A referida terminologia foi estabelecida no I Seminário do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, reunido na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba e Paranaguá, Paraná, de 5 a 29 de outubro de 1964, tendo contribuído: Mário F. Simões, Nássaro A. de Souza Nasser, Valentín Calderón, Maria Heloisa Fenelon Costa, Osdemar Ferreira Dias Junior, Fernando Altenfelder Silva, Ghislene Velasquez Hudziak, Igor Chmyz, José Wilson Rauth, Pe. João Alfredo Rohr, S.J., Walter Piazza, Luiz de Castro Faria, Maria da Conceição de M.C. Becker, Herbert Baldus, Paulo Duarte, Oldemar Blasi, Pe. Inácio Schmitz, S.J., José Proenza Brochado e Eurico Miller. Ver verbetes: Cerâmica Neobrasileira (p. 12) e Tradição (p. 20).

¹⁷ RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. "Inscrições rupestres no vale do Rio Caf, Rio Grande do Sul (Brasil) (Nota Prévia)." In *Anales de Arqueología y Etnología*, Mendoza, v. 24-5, p. 124, 1969-70.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. "Petroglifos do sítio RS-T-14: Morro do Sobrado, Montenegro - Rio Grande do Sul - Brasil." In *Iheringia. Mus. Riograndense Ciências Naturais, Antropologia*, Porto Alegre, v. 2, p. 6, 8, 1972.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. "Os petroglifos de Cerro Alegre, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil - Nota Prévia." In *Revista CEPA, Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica*, Santa Cruz do Sul, v. 1, p. 7, 1974.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz (Ed.), BAUMHARDT, Gastão Carlos, MARTIN, Hardy Elmiro, HEUSER, Lothar Frederico, STEINHAUS, Roberto. "Novos petroglifos na encosta centro-oriental da Serra Geral, Rio Grande do Sul - Brasil. Nota Prévia." In *Museu Colégio Mauá, Antropologia*, Santa Cruz do Sul, v. 2, p. 13, 1973.

¹⁸ O interior da gruta pode ser bastante úmido em determinadas ocasiões. Durante os trabalhos de 1971, por ocasião de chuvas caídas na região, se observou forte infiltração de água, principalmente no lado sudoeste. É claro que esta situação atual, pode se relacionar com a destruição da vegetação natural que antes recobria a parte superior do paredão.

¹⁹ GRADIN, Carlos J. "Notas sobre el arte rupestre argentino."

Este artigo, datado de 1969, foi apresentado ao *Segundo Congreso de Arqueología Argentina*, reunido em Cipolletti, Província de Río Negro, em maio de 1972, tendo sido, na ocasião, distribuído, mimeografado, em 16 páginas, que é a versão que utilizamos.

²⁰ Várias pessoas, imaginando que os motivos do tipo 2 representassem setas indicando onde se encontrava um tesouro, realizaram extensas escavações no interior da gruta de Canhemborá. Porém, como cavaram principalmente para o interior das paredes da gruta, na sua base, penetrando no arenito de que são constituídas - já que as setas apontavam para baixo - não prejudicaram tanto a camada arqueológica depositada sobre o piso, excepto talvez no lado sudoeste. Estas escavações romperam a parede do fundo, comunicando a câmara principal com uma outra, menor, existente por detrás, que antes não era praticável.

No início dos trabalhos de 1971, foi necessário, portanto, em primeiro lugar, esvaziar o interior da gruta de todo o material escavado das paredes e acumulado no seu centro. Este material removido, composto principalmente de arenito em diversos graus de decomposição, foi cuidadosamente examinado, mas felizmente não existia muito material arqueológico misturado nele. Prova de que tinham sido perturbadas quase que somente camadas de sedimentos arqueologicamente estéreis.

²¹ Ver nota 14.

²² Nas proximidades da gruta de Canhemborá, pouco além do final do seu talude de entrada, foi observado, superficialmente, também algum material arqueológico, composto de núcleos e lascas, semelhantes na matéria-prima e na aparência aos encontrados nas camadas arqueológicas do seu interior.

²³ A sigla SI e a numeração se referem ao laboratório onde foram executadas as datações radiocarbônicas: Smithsonian Institution Radiocarbon Laboratory.

²⁴ Nas proximidades do paredão onde se abre a gruta do lajeado dos Dourados, se encontra um grande bloco isolado em cuja face se observam também alguns petroglifos. Porém, na ocasião da visita (1972), estes não foram devidamente copiados por falta de tempo, nem o local prospeccionado como devia.

²⁵ Estas condições se dão principalmente numa espécie de rodapé de cerca de 1m de altura, localizado na parte inferior da parede do fundo da gruta, onde se concentra um número tão grande de perfurações, de dimensões as mais variadas e tão erodidas, que não sabemos se atribuí-las ao trabalho humano ou a agentes naturais, como a já citada erosão alveolar do arenito. A impressão, no entanto, é de que aqui, como em outros lugares, perfurações naturais teriam sido modificadas pelo homem e perfurações artificiais ampliadas pela erosão alveolar.

²⁶ Ver nota 19.

²⁷ Ver nota 19.

²⁸ Nos trabalhos de 1972, foi necessário, inicialmente, remover todo o acúmulo de sedimentos e escombros escorridos ao redor do ângulo noroeste da parede restante do fundo, para alcançar o piso de ocupação subjacente. O escorrimento foi provavelmente causado pela construção de um caminho que contorna o paredão um pouco acima da abertura dos abrigos.

²⁹ Retirados os escombros e escavada a camada arqueológica, se observou que os petroglifos começavam desde o nível do solo estéril subjacente, datando, portanto, da época da ocupação do abrigo.

³⁰ O bloco que forma o abrigo da Pedra Grande, com o seu grande comprimento e pouca espessura, realmente lembra um enorme pano de muro, isolado e semidetruído nas extremidades. No seu prolongamento, alguns metros para SSE, se encontram outros restos de paredões, reunidos, como que formando um recinto. Consta que antigamente todo o conjunto, que atualmente surge de forma abrupta do fundo relativamente plano do vale, estaria rodeado de vegetação cerrada que o esconderia em parte.

³¹ É interessante que, apesar das grandes dimensões da parede do fundo do abrigo da Pedra Grande, os petroglifos se encontrem concentrados unicamente nas áreas descritas. Na face oposta do bloco, também não se observa nenhum.

³² Inicialmente o extenso sítio cerâmico superficial localizado atrás do abrigo da Pedra Grande foi incluído na subfase B da fase Vacacaí da tradição Tupiguarani, porque a cerâmica proveniente dele não pôde ser seriada juntamente com o que passou a ser considerada a subfase A da mesma fase.

BROCHADO, José Proenza. "Extensão. . ." p. 15-20, 27.

Posteriormente, o sítio foi identificado como o local da Redução de São Miguel (A.D. 1632-1638) porque a sua posição geográfica correspondia até certo ponto com as coordenadas e a situação desta Redução, próxima do rio Toropi, segundo o mapa das Reduções Jesuíticas organizado pelo Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S.J., em 1936.

Ver PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Porto Alegre, Selbach, 1954.

Esta identificação-tentativa foi apresentada em:

BROCHADO, José Proenza. "Contatos entre europeus e indígenas - Um estudo de aculturação através das mudanças na cultura material." In *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, Porto Alegre, v. 2, p. 14, 28, 1974.

BROCHADO, José Proenza & SCHMITZ, Pedro Ignácio. "Aleros y cuevos . . .", p. 62.

Finalmente, verificou-se que seria mais provável que se tratasse da Redução de São José (A.D. 1633-1637). Esta identificação foi feita com base num texto de:

JAEGER, P. Luiz Gonzaga, S. J. "As primitivas Reduções Jesuíticas do Rio-Grande-do-Sul." In *Terra Farronpilha*, Porto Alegre, Selbach [1935], v. 1, p. 32-51.

"XIII - São José [. . .] Diz Techo (vol. IV, 197 e 271) e Charlevoix (II, 327) que no meio das reduções de S. Miguel e S. Tomé estancavam infelizes que, reunindo-se espontaneamente num lugar coberto de selvas, denominado Itacuati (pedra pintada), levantaram casas e um templo, mandando depois uma embaixada ao p. Romero a suplicar-lhe não os esquecesse, pois que também eles desejavam ser cristãos e renunciar ao demônio.

"Vivamente impressionado, dirigiu-se o padre a Itacuati, e, em presença de 350 famílias chantou uma cruz, como era de costume, batizou as crianças, e prometeu-lhes um pastor" (p. 45).

A cerâmica do sítio próximo ao abrigo da Pedra Grande apresenta as influências européas características do que denominamos a fase Reduções e nenhum outro sítio, na área, se aproxima mais da descrição como pedra pintada do que este imenso bloco com sua face coberta de petroglifos gravados e pintados. No entanto Jaeger localiza a Redução de São José na margem direita do rio Toropi e não na esquerda, onde se acha o abrigo da Pedra Grande:

"Entretanto inclinamo-nos a crer que S. José demorava à margem direita do Toropi, não muito distante da vila de São Vicente" (p. 45).

Mais informações a respeito desta Redução aparecem em:

PORTO, Aurélio. Op. cit., p. 102-2, 201, 219 e 270.

³³ A gruta de Canhemborá e os abrigos da linha Sétima se encontram no município de Nova Palma; a gruta do lajedo dos Dourados, no município de Sobradinho, na margem oposta do Jacuí; e o abrigo da Pedra Grande no município de São Pedro do Sul.

³⁴ RALPH, E. K.; MICHAEL, H. N.; HAN, M. C. "Radiocarbon dates and reality." In *MASCA Newsletter*, Applied Science Center for archaeology, Philadelphia, The University Museum, University of Pennsylvania, v. 9, t. 1, p. 1-20, 1973.

³⁵ SCHMITZ, Pedro Ignácio (Ed.); LA SALVIA, Fernando; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala Irene Basile; BROCHADO, José Proenza; ROHR, João Alfredo e RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. "Arqueologia no Rio Grande do Sul." In *Pesquisas, Antropologia n.º 16*. Instituto Anchieta de Pesquisas. 58 p. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, v. 5, p. 24-55, 1967.

SCHMITZ, Pedro Ignácio e BROCHADO, José Proenza. "Datos . . .", p. 11-3.

BROCHADO, José Proenza. "Migraciones . . .", p. 13-23, fig. 1, 2, 4.

BROCHADO, José Proenza. "Desarrollo de la tradición cerámica Tupiguaraní (A.D. 500-1800)." Segunda parte de: "Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguaraní." *Gabinete de Arqueología*, DCS, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Publicação n.º 3. Mimeografado. Porto Alegre, p. 25-8, 31, 1973.

³⁶ LATHRAP, Donald W. (Ed.); WILLEY, Gordon R. (Ch.); DI PESO, Charles; RITCHIE, William A.; ROUSE, Irving e ROWE, John H. "An archaeological classification of culture contact situations". In *American Antiquity*. Salt Lake City, 22(2): 9-11, 1956.

A situação de contato cultural A.1, definida no artigo acima, foi discutida mais longamente, com relação a presença de fragmentos da tradição cerâmica Tupiguaraní no abrigo da linha Sétima e em outros sítios da fase Rio Pardinho pós-cerâmica, em:

BROCHADO, José Proenza. "Desarrollo . . .", p. 27-8.

³⁷ Ver nota 35.

Um resumo das características mais importantes da fase Rio Pardinho pode ser encontrado em:

SCHMITZ, Pedro Ignácio e BROCHADO, José Proenza. "Datos . . .", p. 12-3.

"La fase Rio Pardinho, que sigue, refleja un aumento demográfico notable con relación a los grupos anteriores. Los sitios están casi todos ubicados en el valle del río Pardinho, afluente del río Pardo, pero aparecen también en el valle del Jacuí. Por ocasión de nuestra primera investigación estudiamos 81 sitios, casi todos con grande abundancia de material. Infelizmente el área es intensamente cultivada y los materiales aparecen todos en la superficie del terreno en las chacras. Los sitios son a cielo abierto y se ubican de preferencia en bajas altitudes, sobre lomas, cerca del río.

"Los instrumentos más abundantes son puntas pedunculadas y con aletas, semejantes a las del período IV de la secuencia del Estrecho de Magallanes; aparecen además, puntas lanceoladas, cuchillos bifaciales, raspadores en forma de babosa (limaces), bifaces, pequeños raspadores pedunculados, raspadores grandes y chicos, picos, perforadores de puntas muy largas, bolas de boleadora muy abundantes, moletas, hachas pulidas. En una cuarta parte de los sitios aparecen fragmentos intrusivos de alfarería Tupiguaraní.

"La gran cantidad de bifaces y raspadores grandes parecen conectar esta fase con la de las bifaces que la antecede. El grupo es netamente cazador, con más estabilidad y un gran aumento demográfico. Parece haber sido tan fuerte que impidió el acceso de los portadores de la alfarería Tupiguaraní al valle que ocupaban. Como se trata de una región boscosa, que bordea el campo, son bien netos los elementos de ambos ambientes: por un lado, las bifaces, las hachas, grandes raspadores; por otro, las puntas pedunculadas y las bolas de boleadora. . .

"En la parte final de esta fase, se produjo el contacto con los Tupiguaraní, que ocupan el área posiblemente en el siglo IX d.J.C. Ubicamos la fase Rio Pardinho tentativamente entre la mitad del primer milenio y la mitad del segundo milenio d.J.C., llegando, posiblemente, hasta la Conquista. . .

"Lo que parece caracterizar esta región del Estado, es un retrazo cultural considerable en relación a áreas más meridionales o septentrionales, en donde elementos parecidos o idénticos se han desarrollado (puntas, petroglifos, bifaces etc.) y que le dá un aire de refugio, por que realmente se encuentra lejos de las grandes rutas de comunicación."

³⁸ Discussão mais extensa de fase Vacacaí e da sua relação com os índios Tape da encosta do planalto meridional no Rio Grande do Sul, se encontra em:

BROCHADO, José Proenza. "Pesquisas arqueológicas nos vales do Ijuí e Jacuí." In *PRONAPA, Result. Prelim. III ano, 1967-8. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, v. 13, p. 31-62, 1969.

BROCHADO, José Proenza. "Extensão. . .", p. 15-20.

BROCHADO, José Proenza. "Migrações. . .", p. 7-39.

BROCHADO, José Proenza. "Desarrollo. . ."

BROCHADO, José Proenza. "Contatos. . .", p. 14-28.

SCHMITZ, Pedro Ignácio e BROCHADO, José Proenza. "Datos. . .", p. 21.

³⁹ Ver nota 32.

⁴⁰ Ver notas 35 e 37.

⁴¹ MILLER, Eurico Th. "Resultados preliminares das escavações no sítio pré-cerâmico RS-LN-1: Cerrito Dalpiaz." In *Iheringia, Antropologia* n.º 1. Museu Riograndense de Ciências Naturais, Porto Alegre, p. 43-112, 1969.

⁴² MILLER, Eurico Th. "Pesquisas arqueológicas em abrigos-sob-rocha no nordeste do Rio Grande do Sul." In *PRONAPA, Result. Prelim. V ano, 1969-70. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, v. 26, p. 15-8, 20-1, fig. 3-5, 1974.

⁴³ MILLER, Eurico Th. "Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul." In *PRONAPA, Result. Prelim. II ano 1966-7. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, v. 6, p. 18, 21, fig. 5, 1967.

MILLER, Eurico Th. "Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul." In *PRONAPA, Result. Prelim. IV ano, 1968-9. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, v. 15, p. 44, 1971.

⁴⁴ MILLER, Eurico Th. "Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto. . .", p. 43-4, 54.

⁴⁵ MILLER, Eurico Th. "Pesquisas arqueológicas efetuadas no noroeste do Rio Grande do Sul." In PRONAPA, *Result. Prelim. II ano, 1966-7. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, v. 10, p. 36-7, 1969.

⁴⁶ BROCHADO, José Proenza. "Pesquisas arqueológicas. . .", p. 35-6, 50-1, fig. 10.

⁴⁷ MILLER, Eurico Th. "Pesquisas arqueológicas efetuadas no oeste do Rio Grande do Sul - Campanha-Missões." In PRONAPA, *Result. Prelim. III ano, 1967-8. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, v. 13, p. 15-6, fig. 3-4, 1969.

⁴⁸ A existência de pontas-de-projétil pedunculadas e com aletas ou lanceoladas, semelhantes às da fase Rio Pardinho, na região da desembocadura do rio Ibicuí no rio Uruguai, foi observada por P.L. Schmitz e a equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas, em 1971.

Pontas semelhantes foram ainda observadas pelos dois autores e a equipe do Museu Antropológico "Diretor Pestana", de Ijuí, nas proximidades da barragem hidroelétrica do Salto do Ijuí, em 1972.

⁴⁹ SCHMITZ, Pedro Ignácio e BROCHADO, José Proenza. "Datos. . .", p. 7, fig. 1, 2.

⁵⁰ MILLER, Eurico Th. "Pesquisas arqueológicas efetuadas no oeste. . .", p. 16-7; fig. 8.

⁵¹ SCHMITZ, Pedro Ignácio e BROCHADO, José Proenza. "Datos. . .", p. 11-4, 18-9, fig. 1, 2.

⁵² Id., *ibid.*

⁵³ "The archaeology of Patagonia." In *Handbook of South American Indians*, Bureau of American Ethnology, bul. 143, vol. 1, "The Marginal Tribes", p. 17-24. Julian H. STEWARD (Ed.). Washington, p. 20, fig. 10, 1946.

⁵⁴ SCHOBINGER, Juan. *Prehistoria de Suramérica*. Barcelona, Labor, 1969. p. 217.

⁵⁵ "The Archaeology of the Great Pampa." In *Handbook of South American Indians*, Bureau of American Ethnology, bul. 143, vol. 1, "The Marginal Tribes", p. 25-46. Julian H. STEWARD (Ed.). Washington 1946. p. 32, fig. 13.

⁵⁶ SCHOBINGER, Juan. *Op. cit.*, p. 217-8.

⁵⁷ Id., *ibid.* p. 203-4, 217, 239, fig. 57.

⁵⁸ GRADIN, Carlos J. *Contribución a la arqueología de La Pampa. Arte Rupestre*. La Pampa, Dirección Provincial de Cultura, 1975. p. 17.

⁵⁹ GRADIN, Carlos J. "A propósito del arte rupestre en Patagonia Meridional." In *Anales de Arqueología y Etnología*, Mendoza, v. 25, p. 115, 1971.

⁶⁰ Segundo J. Schobinger, *op. cit.*, a cultura Patagônica seria originária do sul da Patagonia (p. 204), podendo ser dividida em dois facies regionais, o Surpatagônico (p. 213) e o Nordpatagônico (p. 218) que juntos teriam se estendido desde o estreito do Magalhães até o sul da Província de Buenos Aires (p. 217-8).

Segundo O. F. A. Menghin, citado por J. Schobinger, a cultura Patagônica pode ser dividida em três épocas, desde antes de ca. 1000 a.C. até a época da Conquista.

Patagônica I - ca. 1000 a.C. até o início da era cristã;

Patagônica II - desde o início da era cristã até ca. A.D. 1400; já com influências neolíticas;

Patagônica III - ca. A.D. 1400-1700, já em contato com os europeus na parte final (p. 218).

O Patagônico representaria os caçadores superiores patagônicos com pontas-de-projétil pedunculadas ou apedunculadas. Esta cultura teria, depois de ca. 1000 a.C., se estendido pelos territórios da atual República Oriental do Uruguai e do sul do Brasil (p. 204) até o vale do rio Iguaçu, no Estado do Paraná (p. 192, 204, 238, fig. 51). O seu centro secundário de dispersão teria sido a região centro-sul do Uruguai (p. 192, 204). Estes caçadores superiores pampeanos ou subpatagônicos do Uruguai (p. 192) seriam os portadores da indústria lítica Subpatagônica (p. 239) ou cultura

Subpatagioniense ("Charrúa") de Entre Ríos, do Uruguai (p. 217) e do Rio Grande do Sul (p. 192, 205, fig. 57), que teria perdurado, usando os mesmos tipos de pontas-de-projétil do Patagioniense (fig. 57); desde depois de ca.1000 a.C. (p. 238) até entrar em contato com os horticultores e ceramistas Guaraní, em Entre Ríos (p. 204) e no Rio Grande do Sul (p. 192, 239).

"Diversos indícios confirmam que esta cultura es efectivamente originaria del sur, y que este movimiento se continuó en dirección a Brasil, donde encontramos sus elementos hasta el centro de Rio Grande do Sul (en donde posteriormente sufrió una aculturación guaraníca. . .). Ya en la vecina Provincia de Entre Ríos — entre los caudalosos Paraná y Uruguay — se encuentran elementos de la cultura "subpatagónica" charrúa, y toda la zona muestra dicho substrato cazador aun en la época tardía en que se hacen presentes fuertes influencias de culturas subandinas y amazónicas, sin contar con la última oleada de este origen, la de los guaraníes, grupos de los cuales se establecieron a lo largo de los ríos hasta las márgenes superiores del Río de la Plata" (p. 204).

"A través de los escasos datos arqueológicos podemos entrever, pues, amplias líneas de migración hacia y desde la Patagonia. . . El segundo caso lo constituiría la 'migración subpatagónica' a Uruguay y sur de Brasil, cuyo itinerario y época permanecen en completa obscuridad; posiblemente, no antes del I milenio a. de Jesucristo. Hasta qué punto cambios climáticos han influido en estos movimientos, no lo sabemos" (p. 238).

⁶¹ Ver nota 38.

⁶² A respeito da tradição Tupiguaraní, ver a nota 14.

A respeito da fase Reduções, ver a nota 15; da cerâmica Neobrasileira, ver a nota 16 e BROCHADO, José Proenza. "Contatos. . .", p. 22.

"...cerâmica produzida localmente, com técnicas indígenas, por populações miscigenadas de índios, europeus e/ou africanos. Representa a primeira fase da transição da cerâmica e do resto da cultura indígena, em direção à cultura europeia" (p. 22).

A respeito da fase Vacacaí e da sua relação com os índios Tape, ver nota 38.

⁶³ RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. "Inscrições. . .", p. 113-29.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. "Petroglifos. . .", p. 3-14.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. "Sítio RS-C-14: Bom Jardim Velho (Abrigo-sob-rocha) — Nota prévia." In *Iheringia*, Museu Riograndense de Ciências Naturais, Antropologia n.º 2, Porto Alegre, p. 15-58, 1972.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. "Os petroglifos. . ."

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. "Primeiras datações pelo método C-14 para o vale do Rio Caí, Rio Grande do Sul." In *Revista do CEPA, Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica*, Santa Cruz do Sul, v. 2, p. 16-22, 1974.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. (Ed.): BAUMHARDT, Gastão Carlos; MARTIN, Hardy Elmiro, HEUSER, Lothar Frederico e STEINHAUS, Roberto. "Novos petroglifos. . ."

⁶⁴ RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. "Sítio. . ." p. 33-4. MILLER, Eurico Th. "Pesquisas arqueológicas em abrigos-sob-rocha. . .", fig. 16.

⁶⁵ RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. "Os petroglifos. . .", p. 7.

⁶⁶ Cf. lit. cit. nota 63.

⁶⁷ RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. (Ed.): BAUMHARDT, Gastão Carlos; MARTIN, Hardy Elmiro; HEUSER, Lothar Frederico e STEINHAUS, Roberto. "Novos petroglifos. . .", p. 13.

⁶⁸ A tradição cerâmica Taquara foi estabelecida no Segundo Seminário do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, reunido no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, de 14 a 29 de julho de 1968. Resultaram as seguintes publicações:

BROCHADO, José Proenza et alii. "Arqueologia. . ."

PRONAPA. "Brazilian. . ."

A tradição cerâmica Taquara é caracterizada pelos seguintes traços diagnósticos: "Habitation sites are small, and sherd refuse is so sparse that few collections contain more than a dozen fragments. . . Stone tool types carried over from the preceding nonceramic period include bifacial and unifacial choppers, flakes exhibiting traces of use, hammerstones, core and flake scrapers, and possibly pestles. Bone projectile points and shell beads are also characteristic. Pottery is tempered with fine sand; surfaces are medium to dark brown and well smoothed. Diagnostic decorative techniques are punctation, fingernail marking in a variety of combinations, pinching, and incision, often covering the exterior. . . Vessels are small (maximum depth 35cm) and thin walled. Shallow bowls and deep cylindrical jars with rounded or slightly flattened base are characteristic. Rims are typically exteriorly thickened with a tapered lip. . ."

"Pottery of the Taquara tradition has also been found in pit houses, which occur by the hundreds on the planalto extending from southern Paraná to northern Rio Grande do Sul" (p. 6).

⁶⁹ RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. "Inscrições. . ."

⁷⁰ RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. "Sítio. . ."

⁷¹ APARÍCIO, Francisco de. "Viaje preliminar de exploración en el territorio de Santa Cruz." In *Publicaciones del Museo de Antropología, y Etnografía de la Facultad de Filosofía y Letras*, Buenos Aires, v. 3, p. 83-7, fig. Ib, XXX, XXXI, XXXIII, XXXIV, 1935.

MENGHIN, Osvaldo F.A. "Las pinturas rupestres de la Patagonia." In *Runa*, Buenos Aires, v. 5, p. 9-10, 13-5, fig. 1, 2a, 2b, 4a, 1952.

FREYRE, Julián Cáceres. "Arte rupestre en la Provincia de La Rioja (República Argentina)." In *Runa*, Buenos Aires, vol. 8, t. 1, p. 60-75, 1956-7.

SCHOBINGER, Juan. "Nuevos petroglifos de la Provincia de Neuquén." In *Anales de Arqueología y Etnología*, Mendoza, vol. 17-8, p. 151-71, fig. 3-7, 9-11, 14, 1962-3.

LORANDI DE GIECO, Ana María. "El arte rupestre del N.O. argentino (Área del norte de La Rioja y sur y centro de Catamarca)." In *Dédaio, Revista de Arte e Arqueología*, São Paulo, v. 4, p. 15-172, 1966.

GRADIN, Carlos J. "Pictographs and petroglyphs in Argentina - A preliminary report." In *Vafamonica Symposium, Actes du Symposium International de l'Art Préhistorique*, Capó di Ponte, p. 427-31, 1970.

GRADIN, Carlos J. "A propósito. . ."

⁷² GRADIN, Carlos J. "Pictographs. . ."

"Until recently, little had been found in the two extensive areas of Chaco and Mesopotamia in the North East. However, on August 11th 1968, an article by Raoul Carbajal appeared in the Buenos Aires newspaper *La Prensa*, reporting the discovery of petroglyphs on the edge of the river Uruguay near Yapeyú, in the Corrientes province. They consist of shallow engravings of crosses, circles, circles with tails and spoked figures on rocks along the river's edge" (p. 427).

Na *Chart of regional repertory* (p. 431), na área da Mesopotamia, além da Província de Corrientes, estão citadas as de Misiones e Entre Ríos, com as seguintes informações:

"(Coast river)/Geometric figures:/simple/crosses/circular form/star form/engraving:/deep/isolated rock."

⁷³ MENGHIN, Osvaldo F.A. "Estilos del arte rupestre de Patagonia." In *Acta Prehistórica*, Buenos Aires, vol. 1, p. 61, 1957.

GRADIN, Carlos J. "Pictographs. . .", p. 425.

GRADIN, Carlos J. "Contribución. . .", p. 16.

⁷⁴ APARÍCIO, Francisco de. "Viaje. . .", fig. XXX, XXXI, XXXIII, XXXIV.

⁷⁵ GRADIN, Carlos J. "Pictographs. . .", p. 432-9.

⁷⁶ GRADIN, Carlos J. "A propósito. . .", p. 115.

⁷⁷ GRADIN, Carlos J. "Contribución . . .", p. 17.

⁷⁸ GRADIN, Carlos J. "Pictographs . . .", p. 432-9.

⁷⁹ MENGHIN, Osvaldo F.A. "Estilos . . .", p. 61.

GRADIN, Carlos J. "A propósito . . .", p. 114.

GRADIN, Carlos J. "Contribución . . .", p. 17.

SCHOBINGER, Juan. *Prehistoria*, p. 203-4, 217-8, 239, fig. 57.

⁸⁰ "El arte rupestre . . ."

⁸¹ *Ibid.*, p. 35-5.

⁸² *Ibid.*, p. 33, 150.

⁸³ *Ibid.*, p. 34, 154.

⁸⁴ SCHOBINGER, Juan. *Prehistoria*, p. 204.

GRADIN, Carlos J. "Pictographs . . .", p. 431.

"Regions/Pampa/Province of: Buenos Aires/ La Pampa/ Geometric figures (hardly visible)/circular/concentric/with branches/painting: red/white/cave/small hollow" (o grifo é nosso).

⁸⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 428-31.

⁸⁶ SCHOBINGER, Juan. *Prehistoria*, p. 204.

"Se plantea así un interesante problema: el de las causas, cronología y zona de paso de esta migración. Esta última debió ser la pampa húmeda, pero curiosamente no encontramos sus huellas en esta amplia región. Tal vez haya que buscarla en el este de la provincia de La Pampa, sur de Córdoba y centro de Santa Fe."